



Raymundo Faoro: Um intelectual público

Editorial

No final do mês de maio, J. Habermas liderou a iniciativa de um grupo de intelectuais europeus e norte-americanos a se posicionarem publicamente sobre o mundo após a guerra dos EUA contra o Iraque. G. Vattimo, Rorty, Derrida, entre outros, publicaram artigos nos grandes jornais do mundo, manifestando os seus pontos de vista sobre a atual situação geopolítica mundial. Franca D'Agostini, filósofa italiana, de quem a Editora Unisinos publicou dois livros, ambos apresentados e comentados em dois IHU Idéias no ano de 2002, publicou um artigo no jornal *Il Manifesto*, comentando a ação desses intelectuais e afirmando que “o papel mais apropriado para um filósofo é aquele de ‘intelectual público’ que fornece, mesmo quando isto não lhe é pedido, a consciência crítica de uma sociedade”.

Há um mês faleceu Raymundo Faoro. Grande parte deste boletim é dedicado a celebrar a sua memória. Ainda que tardiamente, queremos lembrar a vida, a obra, o testemunho de intelectual público que foi este gaúcho. A sua obra **Os Donos do Poder**, como afirma José Luís Fiori, juntamente com o livro **A Formação Econômica do Brasil**, do Celso Furtado, “são dois livros decisivos para o pensamento social brasileiro. São marcos. É antes e depois desses dois livros”.

Celebrar a memória de Raymundo Faoro é recordar e atualizar a possibilidade e a urgência de as instituições de ensino superior, num País como o nosso e na crise epocal que vivemos, propiciarem a formação de intelectuais públicos. Intelectuais públicos, cuja tarefa primeira, como lembra numa recente entrevista, publicada em

livro⁽¹⁾, o economista Celso Furtado, “é pensar com paixão” a realidade do seu País e do mundo no qual estamos inseridos. Pois, como lembra com pertinência Leonardo Boff, no artigo que reproduzimos neste boletim: “Na raiz de tudo está a paixão (“pathos”). Só quando nos apaixonamos vivemos valores. E é por valores que nos movemos e somos”.

É o mesmo Celso Furtado, que, na semana passada, em artigo luminoso, chamava a todos e todas nós à “responsabilidade coletiva na construção de um Brasil melhor”. Incisivo e contundente, o mesmo ‘intelectual público’ conclama: “Cabe a nós, intelectuais e cientistas, balizar os caminhos que percorrerão as gerações futuras. O domínio avassalador da razão técnica limita cada vez mais o espaço de ação das criaturas. A história, insisto, é um processo aberto, e o homem é alimentado por um gênio criativo que sempre nos surpreenderá. Resta-nos velar para que a chama criativa se mantenha acesa e ilumine as áreas mais nobres do espírito humano”.

O boletim desta semana quer contribuir, com simplicidade, para que o gênio criativo e apaixonado de todos e todas nós da Unisinos continue aceso e possa contagiar com a sua luz a responsabilidade coletiva da construção de um Brasil e de um mundo melhor. 15 de junho de 2003, 30 dias depois do falecimento de Raymundo Faoro.

Raymundo Faoro

Intelectual público

Raymundo Faoro nasceu em Vacaria, nono distrito, (RS), em 27 de abril de 1925. Faleceu no Rio de Janeiro, em 15 de maio de 2003. Foi eleito em 23 de novembro de 2000 para ocupar a cadeira nº 6 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Barbosa Lima Sobrinho. Foi recebido em 17 de setembro de 2002 pelo acadêmico Evandro Lins e Silva.

Filho de agricultores, depois de 1930, sua família mudou-se para a cidade de Caçador (SC). Lá fez o curso secundário, no Colégio Aurora. Formou-se em Direito, em 1948, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Transferiu-se, em 1951, para o Rio de Janeiro, onde advogou e fez concurso para a Procuradoria do Estado, na qual se aposentou.

Colaborou na imprensa desde o tempo de estudante universitário. Co-fundador da revista **Quixote**, em 1947, escreveu para diversos jornais do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Além de jurista, foi um dos mais importantes cientistas sociais brasileiros, autor de ensaios de direito e ciências humanas. Referência obrigatória na teoria política do Brasil contemporâneo, Faoro conquistou o respeito dos intelectuais do país através de suas análises críticas do Estado, que contribuíram para o desenvolvimento da literatura crítica nacional.

Seus leitores mais críticos (entre os quais Mino Carta e Bob Fernandes) lhe atribuíram dons proféticos. Em **Os donos do poder**, publicado em 1958, analisou a formação do patronato brasileiro e buscou as raízes de uma sociedade na qual o poder público é exercido, e usado, como se fosse privado. É um teorema que Faoro demonstrou, percorrendo a história luso-brasileira dos seus primórdios até Getúlio Vargas e antecipando os rumos seguintes. Em

¹ .- Celso Furtado. Entrevistado por Aspásia Camargo e Maria Andréa Loyola. Coleção Pensamento Contemporâneo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

enquete feita pela revista **Veja** com os principais intelectuais brasileiros, este ensaio foi incluído entre os vinte livros mais importantes já publicados por autores brasileiros.

No ensaio **A pirâmide e o trapézio**, publicado primeiramente em 1974 (mesmo ano da reedição revista e ampliada de **Os donos do poder**), Faoro interpretou com mestria e originalidade a obra de Machado de Assis, cuja mensagem está na dissecação da sociedade da capital do país no final do século XIX. Ao escrever seu ensaio, levou em conta os estudos machadianos até o início dos anos 70, dialogando especialmente com Augusto Meyer, Eugênio Gomes, Astrogildo Pereira, Raimundo Magalhães Jr. e também Sílvio Romero.

Este vasto estudo sobre Machado de Assis pode ser visto como uma continuidade e um complemento do ensaio anterior. Seu grande objeto de estudo era ainda o Brasil, pois pretendia captar a vida que Machado de Assis infundiu em seus personagens e ao Brasil, o funcionamento concreto e cotidiano da ação dos donos do poder e seus agregados, a presença dos valores e da ideologia, os vícios e as virtudes, a construção das instituições (família, Estado, Igreja), os preconceitos, o amplo e variadíssimo jogo da vida social e individual.

Foi presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, de 1977 a 1979. Lutou pelo fim dos Atos Institucionais e ajudou a consolidar o processo de abertura democrática nos anos 70. Com ele a sede da OAB, no Rio, transformou-se num front de resistência pacífica contra o regime militar. Partiu de lá a primeira grande denúncia circunstanciada contra a tortura de presos políticos. No governo João Figueiredo, lutou pela anistia ampla, geral e irrestrita. Com a anistia e a retomada das liberdades políticas, a casa de Faoro, nas Laranjeiras, tornou-se lugar de encontro de políticos, como Tancredo Neves e Luís Inácio Lula da Silva. Este propôs, sem sucesso, que Faoro entrasse na disputa presidencial em 1989, como candidato a vice-presidente.

Desde o momento em que deixou a OAB, foi colaborador permanente da revista **Senhor** (segunda fase), inspirador e parceiro na revista **IstoÉ** e no **Jornal da República**. Colaborou também na revista **Carta Capital**.

Recebeu o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras (1959); Prêmio Moinho Santista - Ciências Sociais -1978 (foi o terceiro premiado, depois de Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre); Medalha Teixeira de Freitas, do Instituto dos Advogados do Brasil.

Publicou as seguintes obras:

Os donos do poder. Porto Alegre: Globo, 1958. Está na 15ª edição. **Machado de Assis - A pirâmide e o trapézio**. Rio de Janeiro, 1975. Está na 3ª edição. **A Assembléia Constituinte - A legitimidade recuperada**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980. Está na 5ª edição. **Existe um pensamento político brasileiro?** Rio de Janeiro: Ática, 1994.

O texto acima pode ser encontrado no sítio da Academia Brasileira de Letras.

Os Donos do Poder

Prefácio à segunda edição, assinado por R. Faoro

(Cf. **Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro**, de Raymundo Faoro (São Paulo: Globo, 2001), p. 13-14.)

“Montaigne, que nega ao autor o direito de alterar o texto de um livro hipotecado ao público, justificou as suas infidelidades ao princípio, com este subterfúgio resvalado: *J'adjouste, mais je ne corrige pas*. Posso afirmar, sem receio ao olho malicioso e zombeteiro do francês

quinhentista, que a tese deste ensaio é a mesma de 1958, íntegra nas linhas fundamentais, invulnerável a treze anos de dúvidas e meditação. A forma, todavia, está quase totalmente refundida, outra a disposição dos assuntos, adequado o estilo às minhas exigências atuais. Houve o acréscimo de dois capítulos e a adição de inúmeras notas, ordenadas ao fim do volume, para orientar o leitor acerca das fontes do trabalho.

Os conceitos básicos - patrimonialismo, estamento, feudalismo, entre outros, estão fixados com maior clareza, indicada a própria ambigüidade que os distingue, na ciência política. A perplexidade que alguns leitores da primeira edição demonstraram, ante uma terminologia aparentemente bizarra, estará atenuada, neste novo lançamento. Advirta-se que este livro não segue, apesar de seu próximo parentesco, a linha de pensamento de Max Weber. Não raro, as sugestões weberianas seguem outro rumo, com novo conteúdo e diverso colorido. De outro lado, o ensaio se afasta do marxismo ortodoxo, sobretudo ao sustentar a autonomia de uma camada de poder, não diluída numa infra-estrutura esquemática, que daria conteúdo econômico a fatores de outra índole. Estão presentes, nas páginas que se seguem, os clássicos da ciência política, Maquiavel e Hobbes, Montesquieu e Rousseau, relidos num contexto dialético. As hipóteses e conjeturas, em aberta rebeldia aos padrões consagrados, inspiram-se no propósito de abarcar, num lance geral, a complexa, ampla e contraditória realidade histórica. Um longo período, que vai do Mestre de Avis a Getúlio Vargas, valoriza as raízes portuguesas de nossa formação política, até agora desprezadas em favor do passado antropológico e esquecidas pela influência de correntes ideológicas, originárias da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, só traduzidas nos últimos cento e cinquenta anos. Na evocação, não se pode evitar o eu de um longínquo pesadelo, com certas “rabugens de pessimismo”, como lembrou um amável crítico, mais amigo do que crítico.

Contraí, na elaboração deste ensaio, nas suas feições, muitas dívidas, que não comprometem a responsabilidade dos credores. A maior de todas devo-a a Guilhermino Cesar, que, ainda em Porto Alegre, no carinhoso convívio de muitos anos, discutiu as hipóteses e suscitou questões novas, franqueando-me sua biblioteca para o estudo e a pesquisa. O próprio título do livro, ao que apurei, saiu de uma de suas súbitas inspirações. Augusto Meyer e Jorge Moreira leram os originais. Paulo Olinto Vianna e Silvio Duncan cuidaram da revisão, com paciência e amor à minúcia. Arthur Cezar Ferreira Reis, no preparo desta edição, socorreu-me com preciosas indicações bibliográficas, acompanhadas do empréstimo do livro raro. Amandino Vasconcellos Beleza, com seu vigilante bom gosto, leu os originais, aparando erros e atalhando incongruências. Genolino Amado incumbiu-se da revisão das provas tipográficas, em testemunho de generosa amizade. Não devo esquecer, neste elenco, o meu editor, representado por José Otávio Bertaso, que se decidiu à aventura e ao risco, confiado apenas no mérito discutível do livro, em homenagem a um autor que, sem conhecê-lo, enviou-lhe os originais pelo correio – “alma forte e coração sereno”, como dele diria o maior de seus editados, Simões Lopes Neto”.

Uma obra de referência para a compreensão da História do Brasil

A Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck é doutora em História pela PUCRS. Ela é também mestre em História pela Unisinos. Eliane apresentou, no evento IHU Idéias, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e no dia 8 de maio, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo nessa oportunidade uma entrevista a **IHU On-Line** publicada na edição nº 58, de 5 de maio de 2003. Eliane Fleck considera as obras de Raymundo Faoro uma parada obrigatória para os estudantes de história e para todos aqueles e todas aquelas que procuram compreender o Brasil.

O sociólogo e cientista político Raymundo Faoro é autor de um dos livros mais influentes do pensamento brasileiro, o ensaio **Os Donos do Poder: formação do patriarcado nacional**, de 1958. A obra, que resulta do diálogo que Faoro mantém com a historiografia de sua época, constitui-se de uma análise da formação do que ele denominou de "patronato" brasileiro. Combinando sociologia, direito e ciência política, a obra contempla um amplo painel que vai do Brasil Colônia à Revolução de 1930, através do qual analisa as estruturas que impediram a sociedade civil de exercer poder sobre o Estado, tais como o clientelismo, a promiscuidade entre as noções de patrimônio público e bens privados e as instituições arcaicas, entre outras.

Faoro privilegia uma interpretação da formação brasileira baseada em conceitos weberianos, com ênfase na construção do Estado Patrimonialista e de uma elite associada à apropriação das benesses dele extraídas. Sua visão do papel do Estado, da burocracia e dos estamentos ligados ao patrimonialismo permanecerá como um marco intelectual, constituindo-se em referência obrigatória na teoria política do Brasil contemporâneo. Avaliando o caráter parasitário que o Estado Colonial herdou da metrópole, Faoro propôs a tese de que o problema é a permanência de um estamento burocrático-patrimonial que foi capaz de se reproduzir secularmente. Impermeável às pressões sociais, o estamento burocrático se manteve autônomo da Colônia à República, na definição e gestão da "coisa pública".

Obra que integra a bibliografia fundamental, tanto das disciplinas de História do Brasil I quanto de História do Brasil II, do Curso de Graduação em História da Unisinos, sob a minha responsabilidade, por constituir-se obra de referência para a compreensão da História do Brasil dos tempos coloniais até a Primeira República.

Além de jurista eminente, Raymundo Faoro foi uma figura decisiva para a literatura brasileira, estabelecendo um contato produtivo entre esta e a sociologia. Uma de suas obras mais citadas é a **Pirâmide e o Trapézio** (1975), um estudo histórico-social da obra de Machado de Assis e do período do Segundo Reinado e do início da República. Este vasto estudo sobre Machado de Assis pode ser visto como uma continuidade e um complemento do ensaio de 1958. O objeto de estudo de Faoro continuou sendo o Brasil, pois pretendeu captar, a partir dos personagens machadianos, o funcionamento concreto e cotidiano da ação dos *donos do poder* e seus agregados, a partir da presença de seus valores e ideologia, dos vícios, dos preconceitos e das virtudes que caracterizavam a vida social e individual do século XIX.

A Pirâmide e o Trapézio foi indicada e analisada como obra de referência de análise sobre o Segundo Reinado em disciplina ministrada em conjunto com o Prof. Flávio Heinz, no primeiro semestre de 2002, no Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos.

Memórias, lembranças e fantasias

Por José Luiz Ferreira Prunes

*José Luiz Ferreira Prunes é professor do Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, doutor em Direito pela UFRGS e autor de numerosos livros, entre os quais destacamos os últimos quatro. Prunes, José Luiz Ferreira. **Contrato de trabalho com cláusula de experiência**. São Paulo: LTr Editora, 2001; Prunes, José Luiz Ferreira. **Justa causa e despedida indireta**. Curitiba: Juruá, 2001; Prunes, José Luiz Ferreira. **Enciclopédia Prunes**. Caxias do Sul: Plenum, 2001 e Prunes, José Luiz Ferreira. **Trabalho perverso**. Curitiba: Juruá, 2000. O professor lembra os tempos de vida universitária e lembra seu último encontro com Faoro.*

“A grande vantagem do passar do tempo está na inexorável aglutinação que fazemos da memória (que deve ser implacavelmente registradora) com a lembrança (que vem dos bons pensamentos passados) e da fantasia (que termina englobando tudo). Minha biblioteca, mais do que qualquer arquivo, guarda nos livros a correspondência de muitos anos... Penso que arquivos – no sentido clássico de ser um amplo gaveteiro – deve servir para empilhar recibos, contracheques, diplomas e certidões negativas.

As coisas boas eu as ponho nos livros. Outras – talvez melhores - ficam apenas nas nebulosas lembranças, com a nitidez das madrugadas de inverno. Entre estas, lembro-me que freqüentava a rua Riachuelo, onde me encontrava (ainda ginasião) no Instituto Histórico com os intelectuais da geração de meu pai: Guilhermino Cesar, Moysés Vellinho, Othelo Rosa, Felizardo, Dias de Azevedo...

Sem dúvidas me escandalizei, como se fosse uma segunda edição da "Semana de Arte Moderna de '22" (da qual eu ainda não tivera notícias em 1947 ou 48), com o surgimento de "Quixote". Era uma revista que se propunha a fazer "uma barbaridade"... Raymundo Faoro, Silvio Gomes Duncan, Fernando Jorge Schneider e, creio que Paulo Hecker Filho(?) e Wilson Chagas (?)... Foi meu primeiro contato deslumbrado com letras não-convencionais. Diversas noites, no "Chalet" da Praça XV, enquanto apenas tinha idade para tomar "gasosa" e rememorava alguns Castro Alves ou Gonçalves Dias, via com dupla e saudável inveja aqueles intelectuais que tomavam chope e diziam versos sem rima... (sem rima, pelo amor de Deus...). Tinham tudo: até a displicente e modesta elegância dos estudantes de Direito da década de '40... Também custei a me acostumar com o alegretense Mário Quintana e até hoje tenho suas cartas guardadas no Sapato Florido ou na Rua dos Cataventos...mas este é de outra geração.

O primeiro impacto de Faoro foi através do "Quixote" que como tantas outras quixotadas, não durou mais que a beleza de Dulcinéia. Mas foi um marco para as letras rio-grandenses e (perdoem-me) para a minha formação intelectual.

Passados cinquenta anos a morte levou alguns, a vida espalhou muitos e alguns raros ficaram acima dessas duas contingências: Faoro mostrou-se primeiramente como um marco ao escrever **Os donos do poder**, quando tinha pouco mais de trinta anos (1958) e quando já havia deixado o Rio Grande em busca de horizontes mais amplos e merecidos.

Mesmo numa seara cultivada por incontáveis autores de grande mérito, seu estudo sobre Machado de Assis tem grande significado, sendo como diz suas biografia no "site" da Academia Brasileira de Letras: "Seu grande objeto de estudo era ainda o Brasil, pois pretendia captar a vida que Machado de Assis infundiu em seus personagens e ao Brasil, o funcionamento concreto e cotidiano da ação dos donos do poder e seus agregados, a presença dos valores e da ideologia, os vícios e as virtudes, a constrição das instituições (família, Estado, igreja), os preconceitos, o amplo e variadíssimo jogo da vida social e individual".

Além daqueles fugazes, anônimos e mal-notados encontros na Praça XV, acompanhei o esplendor das letras que muitos diziam proféticas. Ao contrário da "mentira" que, nos dizeres de Quintana, "é uma verdade que esqueceu de acontecer", a "profecia" é uma visão ou sonho que se concretiza. Para alguns é um simples exercício de sorte, uma loteria intelectual... Para outros raros – como os Profetas bíblicos – e os intelectualmente iluminados como Faoro, as profecias políticas e sociais passaram para o cotidiano.

Na província, fiquei por muito tempo como simples leitor (anônimo, mas não silencioso) de suas muitas e desassombradas manifestações como Presidente da OAB nacional, quando a inteligência e a coragem não eram moedas correntes e encontradiças. Mais tarde teve linhas vigorosas e até mesmo ácidas nas revistas **Senhor** (segunda fase) e **IstoÉ**, assim como no **Jornal da República**.

No ano passado resolvi fazer algo que em mim é uma raridade: algumas visitas que estavam faltando nas minhas fantasias e que nem mesmo estavam na memória. Assim fui ao Rio de Janeiro para ouvir Evaristo de Moraes Filho (com quem nunca estivera pessoalmente) e com Faoro. É óbvio que não fui pedantemente "trocar idéias", porque não as tenho com o valor de "troca"... Com Evaristo fiquei algumas horas na rua Domingos Ferreira, ouvindo e ainda desfrutando da intelectualidade de seu neto... Com Faoro, além de algumas "cruzadas" em aeroportos, ainda cruzávamos as fumaças de velhos e estimados cachimbos.

Na rua das Laranjeiras, no número 550, deixei com Faoro o que tenho de melhor para oferecer: alguns livros. Passados poucos dias, em 13 de maio de 2003 recebi um cartão realmente amável, registrando nosso contato (que foi o último).

Além dos livros **Os donos do poder**, **Machado de Assis - A pirâmide e o trapézio**, **"A Assembléia Constituinte - A legitimidade recuperada"** e **"Existe um pensamento político brasileiro?"**, com seus ensaios premiados teve a consagração da Academia Brasileira de Letras onde ocupou a Cadeira (nº 6) deixada por Barbosa Lima Sobrinho, onde foi recebido em 17 de setembro de 2002 pelo acadêmico Evandro Lins e Silva.

Não cabe numa entrevista uma abordagem mais ou menos completa ou crítica da obra de algum autor. É bastante, por certo, algumas memórias, outras lembranças e, certamente, muita fantasia.

O cartão que recebi de Faoro está condignamente guardado numa merecida edição encadernada de "O Príncipe"...

“Faoro teve uma evolução política notável”

Entrevista com Décio Freitas.

*Décio Freitas, é historiador, jornalista e advogado gaúcho, um dos principais estudiosos da escravidão no Brasil. Autor de livros como **O Homem que inventou a ditadura no Brasil** (Porto Alegre: Meridional, 1999); **O maio crime da terra** (Porto Alegre: Meridional, 2002). Décio Freitas concedeu uma longa entrevista a **IHU On-Line** na qual trouxe antigas lembranças de uma amizade com Faoro intensamente vivida na época do Estado Novo.*

IHU On-Line- Como o Sr. conheceu Raymundo Faoro?

Décio Freitas- Nos conhecemos na Faculdade de Direito, estávamos na mesma turma e nos tornamos grandes amigos. Foi uma amizade curiosa, porque naquele tempo do Estado Novo, início da década de 40, nós, estudantes, éramos todos de esquerda, mais precisamente marxistas ou comunistas. Esse era o conteúdo do movimento estudantil que tinha muita força

política. E o Faoro era uma nota destoante, porque ele não fechava com nosso esquerdismo. Tinha posições muito conservadoras. Faoro era ligado ao PSD, partido conservador, criado pelo Getúlio Vargas. Apesar disso, ele era aceito no nosso grupo, devido a sua inteligência fulgurante, que desde jovem demonstrava. Acho que nós, em geral, só estudávamos em vésperas de exame, porque dedicávamos todo nosso tempo a fazer política. Faoro tinha um interesse apaixonado pelo Direito.

Por outro lado, sua popularidade entre nós, também estava relacionada ao fato de que Faoro era um rapaz alto, de estampa muito atraente, fazia muito sucesso entre as mulheres e nós morríamos de inveja.

IHU On-Line- A que tipo de livros vocês tinham acesso na época?

Décio Freitas- Nós líamos todo tipo de livro, filosofia, economia, literatura. Recebíamos clandestinamente a bibliografia através de Montevideu e assim nos atualizávamos. E o Faoro apareceu com uma novidade para nós que era o Max Weber, que era para nós algo inaceitável. Para nós a única explicação do mundo era marxista e víamos a explicação de Max Weber como burguesa ou reacionária, como tudo aquilo que não correspondesse a uma visão marxista. Mas Faoro persistiu e começou a trabalhar no livro **Os donos do poder**, ainda estudante, para concluí-lo anos depois de sair da faculdade. Eu tinha excelentes relações com o diretor da Editora Globo, na qual eu tinha trabalhado como tradutor e como jornalista. Eu propus ao Faoro levar o livro, ele tinha chamado o livro *História do Patronato no Brasil*, que depois ficou como subtítulo. Dias depois, o Diretor da Editora me telefonou dizendo que publicaria o livro, mas não com esse título, porque não venderia. Então ficamos conversando com Faoro, quebrando cabeça, sobre o título, até que eu dei a sugestão: “Por que não os donos do poder?”. Ele achou muito jornalístico e populista, mas acabou concordando, porque ele queria ver publicado o livro. Depois de publicado, o livro teve uma recepção muito fria. Em primeiro lugar porque aquela era uma época de hegemonia do marxismo, e, em segundo lugar, porque se tratava de um autor desconhecido e um livro da província. Só muito mais tarde, em nova edição já aumentada e ampliada, o livro se tornou nacionalmente conhecido. Depois que o livro saiu, eu escrevi quatro artigos nos **Diários Associados** promovendo o livro. Por isso, num artigo que escrevi recentemente, eu disse que eu não era tão Stalinista quanto imaginava, porque tive essa preocupação apesar das divergências

IHU On-Line- O que aconteceu posteriormente para que vocês chegassem a terminar a amizade?

Décio Freitas- Após a publicação do livro, nossa relação continuou. Faoro foi para Rio e ocupou um cargo na Fundação da Casa Popular. Naquele tempo, a capital da República ainda estava no Rio, também estava lá o Supremo Tribunal Federal e quando eu tinha causa no Supremo, geralmente quem me representava era o Faoro. Nós rompemos relações no dia 1º/4/1964. Eu tinha passado a noite no Palácio das Laranjeiras, e só sai de lá ao meio dia, quando o João Goulart saiu do Palácio, tomou um avião para Brasília e veio para Porto Alegre para se encaminhar finalmente para Montevideu. Eu tinha passado a noite em claro e fui para o hotel para dormir. Acordei de tardezinha com uma grande gritaria na Av. Atlântida, saí e vi que a classe média de Copacabana estava festejando e eu fui caminhando entre eles, contrariado, naturalmente, e me encontrei com Faoro participando da comemoração da queda de João Goulart... Então tivemos uma discussão muito áspera e terminamos relações. Não voltei a encontrar-me com ele.

IHU On-Line- Com o Sr. viu a mudança na postura política de Faoro?

Décio Freitas- Foi uma grande alegria para mim, quando, com passar dos anos, eu vi o Faoro na presidência da OAB, lutando contra o regime autoritário e desempenhando um papel muito importante na transição. Ao mesmo tempo, eu achei uma ironia da vida, o fato de que, nessa altura, eu tinha abandonado o marxismo e assumido posições, não digo conservadoras, mas de grande ceticismo, até pessimismo em relação ao desenvolvimento histórico do Brasil e vi, para surpresa minha, um Faoro esquerdizado, de forma radical, quer nos pronunciamentos na imprensa, quer em artigos em revistas e jornais. Um Faoro que se aproximava com as posições do PT, a tal ponto que chegou a ser pensado como candidato a vice-presidente de Lula. Sem me tornar reacionário ou conservador, me tornei um espectador crítico e cínico, como sou ainda hoje. Mas Faoro teve uma evolução notável.

IHU On-Line- Após aquele desencontro não houve nenhum outro contato entre vocês?

Décio Freitas- Não nos falamos mais, não porque ficasse algum ressentimento. Eu me exilei no Uruguai e voltei em 1972. Era evidente que lá se aproximava uma ditadura e eu, como muitos outros, pensei: "Ditadura por ditadura, prefiro ficar no meu País." Quase 3 mil brasileiros estávamos no Uruguai, formamos um foco de conspiração contra o regime que seria uma longa história a contar. Nessa época, conheci Eduardo Galeano, Carlos Quijano e muitos outros. Na época, alguns negociamos o retorno. Eu tinha aqui um inquerito, meu pai tinha um conhecido militar que garantiu que nada me aconteceria, se não me envolvesse em política. Eu já não tinha mais condições de ficar em Montevideu e voltei. Só vi mais uma vez o Faoro. Eu estava um dia no Aeroporto de Madri, quando alguém me perguntou: "Como é que vais?", olhei e era ele. Foi uma enorme alegria. Se a gente não se reconciliou antes, foi simplesmente por falta de oportunidade.

IHU On-Line- E como o Sr. vê hoje *Os donos do poder*?

Décio Freitas- É um livro importante no Brasil, embora eu não sei qual é sua real influência na Academia. Mesmo porque tanto o Faoro quanto eu somos de uma geração em que a produção intelectual se fazia fora da universidade. A universidade era um fenômeno muito recente na história brasileira. O meu problema com esse livro é que o considero uma explicação meramente sociológica do Brasil, como era o caso de Max Weber, uma explicação meramente sociológica do capitalismo. A sociologia usa concepções abstratas para explicar fatos concretos. A historiografia busca a explicação das coisas através do concreto, do empírico, do único, singular. Eu acho que Faoro, apesar de sua extraordinária inteligência, não tinha a formação nem a prática do historiador, embora ele tenha feito, nesse livro, também pesquisa histórica.

IHU On-Line- Por que foi tão importante o papel de Faoro na transição democrática?

Décio Freitas- Na época, o único partido legal era o MDB e eles não queriam negociar com o Regime. Mas, o Regime queria uma abertura negociada. Fez isso através da OAB, uma transição "lenta, gradual e segura", como disse o Geisel. A oposição mais militante do Regime olhou isso com uma expectativa moderada. Entendia-se que não se podia esperar nada de bom de uma transição daquele tipo, embora a transição política tenha dado bons resultados. A sociedade civil expressou-se através da OAB, embora ela não seja uma instituição de raízes populares. O advogado, pela sua profissão, se liga mais ao *establishment* do que às classes populares.

“Ele levantou sua voz e se transformou num palanque da democracia”

Entrevista com João Pedro Stédile

Para falar sobre o advogado Raimundo Faoro, **IHU On-Line** conversou com João Pedro Stédile, economista, membro da direção nacional do MST e parente de Faoro.

IHU On-Line- Qual era sua relação com Faoro?

João Pedro Stédile- Apesar de sermos primos em segundo grau e minha avó ser madrinha dele, nós, na verdade, nunca tivemos uma relação próxima, nem familiar, nem de política. Modestamente, acho que ambos nos gostávamos a distância. De vez em quando, trocávamos correspondência e nos fazíamos mútuos agrados pela imprensa.

Agora, minha opinião sobre ele é que foi uma figura humana fantástica. Estudioso e profundamente coerente com tudo o que pensava. Dedicou a vida inteira a entender por que havia tanta desigualdade na nossa sociedade e procurava aplicar isso nas suas teses jurídicas. Foi uma lição permanente da necessidade da democracia plena. De todos os cidadãos brasileiros terem as mesmas oportunidades econômicas e sociais, e não apenas votarem, e de construirmos um projeto nacional, um projeto para o Brasil. Era um sujeito que pensava a sociedade brasileira, longe de colonialismos, que tinha orgulho de pensar o Brasil sem copiar de ninguém. Viveu para o Brasil.

IHU On-Line-- O que ele pensava do MST? Tinha alguma crítica?

João Pedro Stédile- Ele gostava do MST. Sempre manifestou carinho e nos achava meio Jacobinos. Gente que fazia uma luta que deveria ter sido resolvida lá no século XIX, quando terminou a escravidão. A sociedade brasileira, para ser democrática realmente, deveria ter dado terras aos ex-escravos, como fez Abraham Lincoln e sua revolução americana. Ele tinha uma consciência muito grande dos males que o latifúndio causa para a construção de uma sociedade moderna e democrática.

IHU On-Line- De que forma ele ajudou a compreender o Brasil?

João Pedro Stédile- De muitas formas, seja por seu livro clássico, **Os Donos do Poder**, que é um diagnóstico da formação e do comportamento das elites brasileiras, seja por sua visão permanente de análise da realidade brasileira, seja por seu exemplo de luta democrática. Quando presidente da OAB, nos duros anos da ditadura militar, quando todos diziam sim, mesmo no judiciário, ele levantou sua voz e se transformou num palanque da democracia. Nunca exitou em estar ao lado da verdade e dos oprimidos, por mais ameaças que tenha sofrido.

IHU On-Line-- Quais eram as maiores coincidências e as maiores discrepâncias entre o Sr. e Raimundo Faoro?

João Pedro Stédile- Nosso nível de relacionamento foi mais de afetividade e de respeito. Não chegou a esse nível de debate. Acho que ele também se identificava muito com nossa luta. O fato de ser também filho de camponeses, migrantes, de ter trabalhado a vida inteira, nos transformava em companheiros, mais do que parentes.

A Academia perdeu um grande jurista

Entrevista com Fernando Bastos de Ávila

Fernando Bastos de Ávila SJ ocupa a cadeira número 15 da Academia Brasileira de Letras. Licenciou-se em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Doutorou-se em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Louvain, onde defendeu sua tese *L'immigration au Brésil*. De volta ao Brasil, ainda em 1954, foi incorporado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1955, criou, na mesma Universidade, a Escola de Sociologia, Política e Economia, que inaugurou nas Escolas Superiores do Rio de Janeiro, o regime de créditos. Durante 16 anos, dedicou-se ao ensino de *Introdução às Ciências Sociais* e de *Doutrina Social da Igreja*. Foi Diretor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento - IBRADES - destinado a dar assessoria à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB -, na área dos problemas sociais, econômicos e políticos. É um dos Diretores do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IEPES). Foi professor de alguns dos nossos colegas professores da Unisinos.

É autor de diversos livros como **Fé Cristã e Compromisso Social**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982; **Solidarismo**, São Paulo: Edições Paulinas: 1965; **Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Edições Loyola, 1991; **Igreja e Estado no Brasil - Perspectivas e Prospectivas**, São Paulo: Edições Loyola, 1987. **Reflexão cristã sobre o meio ambiente**. São Paulo: Edições Loyola, 1992; **Dr. Alceu e o laicato hoje no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993; **Sagrado e Profano**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1993; **Diálogos em Ciência e Religião**. Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, 1993.

“A Academia perdeu seus dois grandes juristas: Artur Orlando da Silva e Raymundo Faoro. Eu tive pouco contato com Raymundo Faoro. Ele foi eleito para a Academia Brasileira de Letras por unanimidade, mas como ele tinha um certo receio de assumir por causa de sua saúde, não quis tomar posse. Na época, o presidente Tarcísio Padilha insistiu muito e depois da eleição todos os acadêmicos fomos a sua casa, fizemos uma festa com enorme alegria e pedimos para ele tomar posse, mas ele temia por sua fragilidade cardíaca. O atual presidente da Academia, o Embaixador Alberto da Costa e Silva, insistiu dizendo que faria uma cerimônia muito simples. Ele aceitou. Foram tomados muitos cuidados, tanto que na sessão de posse, ele foi autorizado a falar sentado. Foi uma emoção bastante forte vê-lo entrar de fardão. É pena que ele tivesse sido obrigado a providenciar esse fardão. Há uma prática, que não é obrigatória, mas é muito usada na Academia Brasileira de Letras: quando alguém é escolhido, o Estado ao qual ele pertence é quem dá o fardão para ele, porque afinal de contas é uma honra para o Estado ter alguém ocupando uma cadeira da Academia. Na época, o Governador de Rio Grande do Sul se negou a financiar o fardão, então o próprio Faoro teve que fazê-lo.

Faoro, junto com o Presidente Geisel, conseguiu, pelo prestígio que tinha, recriar o *Habeas Corpus*. Com seu livro **Os donos do poder** e sua atuação, ele teve um papel decisivo na evolução política do Brasil.

Por tradição, quando morre um acadêmico, o corpo fica na sala Castro Alves, da Academia. Desde 1997, eu já enterrei 13 acadêmicos. A família de Faoro me chamou para fazer a encomendação do corpo. Na cerimônia, chegou o corpo cheio de flores. Eu falei da imensa saudade que ele nos deixava e da tristeza por ele ter podido participar tão pouco de nossa convivência. Depois o enterramos no mausoléu, onde há espaços duplos para enterrar o casal. A esposa dele já estava lá, porque ele mesmo tinha trazido ela do cemitério onde estava enterrada.

Compareceram muitos amigos para despedi-lo. Todos levamos rosas que depositamos no seu túmulo. O Presidente Lula não pode comparecer ao enterro, mas enviou o Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, que o representou e fez um discurso emocionado. Lula tinha uma grande amizade com Faoro. A primeira pessoa que o presidente, depois de eleito, visitou no Rio de Janeiro foi Faoro, no hospital de Copacabana. Uma vez enterrado, houve um grande silêncio. Todos estávamos realmente tristes, sinal do enorme carinho que nos unia a ele”.

“Inflexível em suas convicções éticas”

Entrevista com Miguel Lanzelotti Baldez

Miguel Lanzelotti Baldez é jurista, fundador da Rede Nacional de Advogados Populares e professor das Universidades Cândido Mendes e UERJ. Ele conversou com **IHU On-Line** sobre sua amizade com Raymundo Faoro.

“Faoro foi meu companheiro de concurso para a Procuradoria Geral, no Rio de Janeiro, em 1962. Desde então, sempre tive por ele uma grande admiração, por causa de sua compreensão intelectual e sua postura política. Era uma pessoa inflexível e sadiamente radical em suas convicções éticas. Como advogado, sempre exerceu uma advocacia de caráter público, cuidava dos serviços públicos e de questões de interesse do estado. Na época em que ele era presidente da OAB, eu era do Conselho da Procuradoria e tive a honra de votar pela promoção dele. Por seu comportamento ético e político, pude lhe render minha pequena homenagem a distância. Quando ele se aposentou, eu ia semanalmente visitá-lo. Beneficiei-me muito nessa época com suas análises de conjuntura. Juntos discutíamos a nossa realidade política. Ele estava preocupado com o processo de reconstrução da democracia, tinha uma relação direta com as comunidades. Preocupava-se com um projeto político ligado às ansiedades democráticas dos mais excluídos da população.

Alegrava-se com os avanços democráticos das lutas políticas, com lideranças que se encaminhavam para esse objetivo. Ele apoiou muito Lula quando sofreu aquela violência no final do regime militar”.

Raio em Céu Azul

Reproduzimos, a seguir, a entrevista que José Luís Fiori concedeu à Revista **Carta Capital** na edição do dia 21 de maio de 2003, sobre Raymundo Faoro. Sobre Fiori, **IHU On-Line** publicou um artigo intitulado **Adeus aos Moedeiros Falsos**, na 41ª edição, de 4 de novembro de 2002, o artigo **Lições espanholas**, na 57ª edição de 28 de abril de 2003, e o artigo **O Brasil no Campo da Experimentação e da Inovação**, na 58ª edição de 5 de maio de 2003.

CartaCapital: Que dimensão têm Raymundo Faoro e sua obra?

José Luís Fiori: Em três campos, pelo menos, Faoro deixa uma marca decisiva. No campo das ciências sociais, com o clássico **Os Donos do Poder**, que é uma espécie de refundação ou

fundação do pensamento da teoria política, da análise, da história política brasileira, das elites brasileiras, do Estado...

CC: Cujo cerne, ponto focal, é a apropriação do Estado pelas elites, o que ele chamou de patrimonialismo oligárquico...

JLF: É isso. E a formação das elites, do Estado, do funcionamento clássico das nossas elites. Sem exagerar nas coisas, nem comparar coisas que são distintas, são quase contemporâneos dois livros decisivos para o pensamento social brasileiro. Um deles é *Os Donos do Poder*, e o outro, *A Formação Econômica do Brasil*, do Celso Furtado. Se não me falha a memória, *A Formação Econômica* é de 1959, e *Os Donos do Poder*, de 1958.

CC: É isso...

JLF: São marcos. É antes e depois desses dois livros. Assim como tem a geração dos 40, do Caio Prado, do Sérgio Buarque, do Gilberto Freyre, depois tem um grande corte no pensamento social brasileiro, que é marcado por esses dois livros. O do Antônio Cândido, *A Formação da Literatura Brasileira*, é também do final dos anos 50 (1959). Então, a importância enorme de Faoro desponta com essa obra absolutamente surpreendente na época em que foi escrita, para o que havia de tradição na nossa história política. Realmente é uma obra disruptiva e surpreendente.

CC: Obra disruptiva porque ultrapassa uma tradição, um caminho de pensar e...

JLF: É, e também porque não é uma coisa que vem crescendo, que tem um antecedente... Sem desvalorizar quem escreveu antes dele, mas certamente com o fôlego, a extensão, a profundidade, a originalidade que teve, é uma dessas obras que balizam um pensamento. Estejam de acordo ou não com a tese dele sobre patrimonialismo, não vem ao caso: é um raio em céu azul, *Os Donos do Poder*. O segundo campo onde ele teve uma atuação muito importante foi como presidente da Ordem dos Advogados do Brasil durante a ditadura. No governo Geisel, em meio à chamada abertura e seus muitos riscos, ele exerceu um papel fundamental, decisivo mais uma vez, então, na luta e na resistência contra o regime ditatorial.

CC: E em que outro campo, o terceiro ao qual você se refere, de presença importante dele?

JLF: Como publicista. (Essa categoria que, acho, quem usou pela primeira vez a expressão foi o Oliveira Viana, ou o Alberto Torres). Essa função do intelectual que escreve na imprensa, uma coluna ou periodicamente, sempre com espírito combativo, sempre em nome de uma causa, defendendo determinados valores.

CC: O seu caso também...

JLF: É, eu também sou um publicista. E que é uma originalidade nossa, aliás, porque na América Latina, em geral, não tem isso. Não tem na Argentina, não tem no Chile, não tem essa história de intelectual escrever em jornal, revista. Pois o Faoro praticou isso com constância e abundância. Ele foi decisivo nos anos 90, nos anos 80, na luta pela democracia. Nos anos 90, na resistência ao neoliberalismo, na crítica permanente, séria, aos desvios representados pela era do Fernando Henrique e antes disso. E boa parte disso, a dos anos 90 para cá, na *Carta Capital*. Nesses últimos anos, foi um daqueles poucos que, desde a primeira hora, resistiu à avalanche liberal.

ACONTECE

Grupo de discussão sobre ética

No dia 9 de junho, realizou-se o segundo encontro do Grupo de discussão sobre ética. O tema *Violência social e Psicológica* reuniu estudantes da Unisinos sob a assessoria da Profª Drª Carmen S. de Oliveira, professora do Centro de Ciências da Saúde. A palestrante abordou a banalização da violência, baseada em autores como Deleuze e Foucault. Segundo ela, a violência perde seu caráter de anomalia transformando-se numa cultura. A professora apontou a necessidade de uma mudança de mentalidade que começa a desfazer todo tipo de pré-conceitos.

1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho

O Auditório Pe. Werner, da Unisinos, será palco do 1º Colóquio Internacional Trabalho e Sociedade Solidária e do IV Encontro de Estudos sobre o Mundo do Trabalho. O evento se realizará entre os dias 1º e 3 de julho de 2003. A promoção é da Cátedra Unesco- Unisinos e dos PPGs em Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Direito, Educação, Filosofia, História, Núcleo Local da Rede de Estudos e Pesquisas Unitrabalho e Instituto Humanitas Unisinos. Entre os conferencistas que estarão marcando presença no evento, constam os nomes de Maria Ciavatta (UFF), Jean-Louis Laville (LSCI-Crida- Paris), José Luis Coraggio (Universidad General Sarmiento – Buenos Aires), Paul Singer (Secretário Nacional de Economia Solidária), Guy Bajoit (Université Catholique de Louvain – Bélgica).

O curso é dirigido a docentes, pesquisadores, acadêmicos e estudantes em geral, dirigentes, gestores de políticas e profissionais de organizações públicas e privadas, sindicalistas, trabalhadores e empreendedores solidários.

Haverá espaço para apresentação de trabalhos nas sessões de comunicação dos Grupos Temáticos. Os interessados devem enviar a ficha de inscrição até o dia 20 de junho para o e-mail darnis@poa.unisinos.br, além de inscreverem-se no evento. Maiores informações podem ser consultadas no sítio www.ihu.unisinos.br ou escrevendo para catedraunesco@bage.unisinos.br

Confira a seguir a programação completa do evento:

Dia 01 de julho – terça-feira:

9h45min – Conferência: **Trabalho e memória**

Profª. Drª. Maria Ciavatta – PPG Educação – UFF

Profª. Drª. Marluza Marques Harres - PPG História – Unisinos

Coordenação: Prof. MS Darnis Corbellini - Unisinos

14h – Mesa-redonda 1: **Mudanças no mundo do trabalho e seu impacto na atualidade**

Local: Auditório do Centro de Ciências Jurídicas
 Prof. Dr. Lee Pegler – Institut of Social Studies – Haia
 Profª. Drª. Mona Gagnon – Université de Montréal - Montreal
 Prof. Dr. José Luiz F. Prunes - PPG Direito – Unisinos
 Coordenação: Profª. Drª. Sílvia Araújo - UFPR

18h - Sempre às Terças Especial – Na Ozzeti – Música Popular
 Local: Anfiteatro Padre Werner

19h30 – Lançamento de livros e coquetel
 Responsável pelo lançamento de livros: Profª. Drª. Jacqueline Silva – Unisinos

Dia 02 de julho – quarta-feira

8h30min – Mesa-redonda 2: **Alternativas associativas e autogestionárias de organização econômica e social**

Prof. Dr. Jean-Louis Laville – LSCI-CRIDA – Paris
 Prof. Dr. José Luis Coraggio – Universidad General Sarmiento – Buenos Aires
 Prof. Dr. Inácio Neutzling – PPG Ciências Sociais Aplicadas – Unisinos
 Coordenação: Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger - Unisinos

11h30min – Painel: **Projetos e ações em prol do trabalho solidário**

Prof. Dr. Francisco Mazzeu: o Programa de Inclusão Social e o Projeto Empreender, da Unitrabalho
 Prof. Dr. Paul Singer – Secretário Nacional de Economia Solidária Profª. MS. Ana M. Sarria Icaza - Programa do Instituto Humanitas Unisinos, de apoio a iniciativas de Economia Solidária
 Coordenação: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

14h – Grupos de Trabalho (Comunicações por inscrição espontânea):

Coordenação geral: Prof. MS Dáris Corbellini - Unisinos
 Autogestão e cooperação no trabalho, Direito e trabalho, Educação e trabalho, História e trabalho, Linguagem e trabalho, Mudanças e tendências no mundo do trabalho, Mulheres e trabalho, O ócio e os novos sentidos do trabalho, O sindicalismo diante das mudanças no mundo do trabalho, Saúde e trabalho, Subjetividade e trabalho, Trabalho e vulnerabilidade social.
GT Especial: a Economia Solidária no RS

14h30min – Reunião do Conselho Consultivo da Cátedra Unesco – Unisinos

Coordenação: Prof. Dr. Domingos Donida - Unisinos

17h às 18h – Reunião de Redes de Pesquisa e de Ensino de Pós-Graduação

Economia do crime – Profª. Drª. Jacqueline Silva – PPG Ciências Sociais Aplicadas - Unisinos
Acidentes de trabalho – Profª. Drª. Élide Azevedo Hennington – PPG Ciências da Saúde – Unisinos
Economia solidária (Extensão) – Profª. MS Ana M. Sarria Icaza – Instituto Humanitas Unisinos
Economia solidária (Pós-Graduação e Pesquisa) – Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger – PPG Ciências Sociais Aplicadas – Unisinos
Emprego e relações de trabalho – Profª. Drª. Sílvia Maria de Araújo – PPG Sociologia - UFPR
Juventude latino-americana – Prof. Dr. Hilário Dick – Instituto Humanitas Unisinos
Rede de pesquisa e estudos Trabalho e Educação – Profª. Drª. Maria Clara Bueno Fischer – PPG Educação – Unisinos

Rede História e Trabalho – Prof^a. Cleci Favaro e Prof^a. Marluza Harres – PPG História – Unisinos

Dia 03 de julho – quinta-feira – Anfiteatro Padre Werner

8h30min – Mesa-redonda 3: **Políticas de trabalho e desenvolvimento**

Prof. Dr. Ricardo Cordeiro – PPG Saúde Coletiva – UNESP (Botucatu)

Prof^a. Dr^a. Maria Clara Bueno Fischer – PPG Educação – Unisinos

Conferencista da UNESCO a indicar [tema: O trabalho na perspectiva dos direitos humanos]

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Élide Hennington – PPG Ciências da Saúde - Unisinos

14h – Mesa-redonda 4: **Significado e importância do trabalho nas sociedades contemporâneas**

Prof. Dr. Guy Bajoit – Université Catholique de Louvain – Bélgica

Prof. MS Cláudio Gutierrez – Centro de Ciências da Saúde – Unisinos; Instituto de Estudios de Ócio – Universidad de Deusto - Bilbao

Prof^a. Dr^a. Cecília Pires - PPG Filosofia – Unisinos

Coordenação: Prof^a. Dr^a. Cleci Eulalia Favaro – Unisinos

Cooperativismo

Nos dias 6 e 7 de junho passados, o Prof. Dr. José Odelso Schneider, da Área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, ministrou aulas no Curso MBA de *Educação Cooperativista e Organização do Quadro Social* na sede da Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé – Cooxupé, em Minas Gerais. A iniciativa é uma parceria da Cooperativa com a Faculdade de Administração e Economia da USP-SP, Campus de Ribeirão Preto. O curso foi dirigido a administradores e dirigentes técnicos da Cooxupé.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

A responsabilidade dos intelectuais

*Celso Furtado, 82, economista, é membro da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Unesco). Foi ministro do Planejamento (governo João Goulart) e da Cultura (governo Sarney). É autor de "Formação Econômica do Brasil", entre outras obras. O artigo a seguir foi publicado pelo jornal **Folha de S. Paulo**, em 13 de junho 2003.*

“Se a excelência de um cientista resulta do binômio imaginação e coragem, há momentos em que se amplia por sua atuação no plano político, pela responsabilidade de interferir no processo histórico.

As ciências sociais são das mais sujeitas a influências ideológicas. Podem servir de cimento ao sistema de dominação social vigente e até mesmo para justificar abusos de poder. Daí serem imperativas na sociedade a responsabilidade moral dos cientistas e a prevalência dos compromissos éticos. Na área que me é familiar, a economia, verifica-se um empenho em buscar o formalismo, em adotar métodos que fizeram a glória das ciências ditas exatas. Ora, o

objeto de estudo das ciências sociais nem sempre é perfeitamente definido, é algo em formação, criado pela vida em sociedade.

Disso me dei conta cedo, ao me debruçar sobre os problemas do desenvolvimento econômico. Com efeito, já o conceito de desenvolvimento nos obriga a entender que o homem é um fator de transformação, agindo tanto sobre o contexto social e ecológico como sobre si mesmo. Por isso a reflexão sobre o desenvolvimento traz em si uma teoria do ser humano, uma antropologia filosófica. É natural que se espere dos cientistas sociais, e dos economistas em particular, respostas às questões que mais afligem o nosso povo. Como tudo o que é humano tem uma dimensão social, esses problemas só podem ser apreciados no contexto das variáveis políticas, portanto, do poder e dos valores.

Analisando o momento histórico atual, parece-me óbvio que a tendência persistente de nossa economia ao desequilíbrio interno e externo decorre das condições de entrosamento internacional dos sistemas produtivos e dos circuitos financeiros. Estaremos diante de um agravamento desses desequilíbrios, com sérias implicações externas? É sabido que, nos países desenvolvidos, as condições básicas de vida são cada vez mais homogêneas, enquanto no mundo subdesenvolvido são mais e mais heterogêneas. Em seu avanço veloz, a integração política planetária vem reduzindo drasticamente a ação regulatória dos Estados nacionais.

Nesse quadro é que devemos pensar a inflação crônica que marca nossa economia e leva governos a praticarem uma política recessiva de elevado custo social. Os economistas tendem a reduzir a questão a uma simples dicotomia entre contração de demanda monetária e expansão fomentada da oferta de bens e serviços. Mas qualquer solução proposta exige mudanças profundas na distribuição da renda, objetivo que tem se demonstrado difícil de alcançar. Ademais, tenhamos em conta que, no campo da política econômica, muitas variáveis dependem de decisões tomadas fora do país. Levando o raciocínio ao extremo, o espaço de manobra de um governo pode ser tão restrito que o acabe privando de fazer política econômica, em razão dos compromissos com credores externos, e o force a adotar uma moratória de sérias projeções políticas.

Escapa-nos a lógica do processo de globalização; não conseguimos controlar seus fundamentos nem dirimir dúvidas essenciais, apesar dos fantásticos avanços das técnicas da informação. Essa pouca transparência do processo que vivemos, a que chamamos de aceleração do tempo histórico, revela a ação de fatores que fogem ao nosso entendimento. Já são raros os sistemas econômicos nacionais dotados de autonomia. Os mercados mais relevantes, como os de tecnologia de vanguarda e de serviços financeiros, são hoje globalizados.

Mas esse é um processo aberto. O que acontecerá em cada país dependerá substancialmente de seu povo e de seu governo. Na Europa Ocidental, os países estão empenhados na mais rica experiência de cooperação política e integração dos mercados de fatores, o que implica um esforço financeiro comum para reduzir as desigualdades.

Pretensamente com o mesmo propósito de mobilizar recursos políticos para colher vantagens econômicas, os Estados Unidos tomaram a iniciativa de integrar, sob seu comando, as economias do hemisfério Ocidental. No caso singular do Canadá, a integração dá continuidade a um processo histórico. Mas, na América Latina, e em particular no Brasil, esse plano de integração continental reveste-se de maior gravidade. Com efeito, caso aceite firmar o acordo que acena com uma suposta integração entre iguais, o Brasil estará firmando um compromisso entre desiguais, pois quem o lidera é a maior potência econômica, política e militar do mundo.

É evidente a assimetria entre os futuros co-sinatários do projeto conhecido como Alca, que estabelece regras comuns para um espectro abrangente de atividades. Em outras palavras, o plano acarreta clara perda de soberania para o Brasil, que terá de renunciar a um projeto

próprio de desenvolvimento, abdicar de uma política tecnológica independente e esfacelar o seu já fragilizado sistema industrial.

Se o modelo de integração europeia objetiva homogeneizar os padrões de desenvolvimento de seus membros, permitindo a mobilidade de mão-de-obra, a Alca, ao contrário, exclui toda a possibilidade de fluxos migratórios. E, mesmo que não excluísse, seria tão prejudicial para o nosso país que, parodiando às avessas o famoso escritor que fugiu do nazismo e veio se suicidar entre nós, poderíamos proclamar: o Brasil é um país sem futuro.

Faço essas reflexões para enfatizar nossa responsabilidade coletiva na construção de um Brasil melhor. Cabe a nós, intelectuais e cientistas, balizar os caminhos que percorrerão as gerações futuras. O domínio avassalador da razão técnica limita cada vez mais o espaço de ação das criaturas. A história, insisto, é um processo aberto, e o homem é alimentado por um gênio criativo que sempre nos surpreenderá. Resta-nos velar para que a chama criativa se mantenha acesa e ilumine as áreas mais nobres do espírito humano”.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

*Reproduzimos o artigo a seguir, de Leonardo Boff, publicado na **Folha de S. Paulo**, em 15 de junho de 2003. Leonardo Boff, teólogo e escritor, é professor emérito de ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)*

COMO FUNDAR A ÉTICA HOJE?

Vivemos hoje grave crise mundial de valores. É difícil para a grande maioria da humanidade saber o que é correto e o que não é. Esse obscurecimento do horizonte ético redundando numa insegurança muito grande na vida e numa permanente tensão nas relações sociais, agravada pela lógica dominante da economia e do mercado, que se rege pela competição, e não pela cooperação, dificultando destarte o encontro de estrelas guias e de pontos de referência comuns.

Importa também não esquecer o que o historiador Eric Hobsbawm, em sua obra "Era dos Extremos" (Cia. das Letras), constatou: houve mais mudanças na humanidade nos últimos 50 anos do que desde a Idade da Pedra. Essa aceleração fez com que os mapas conhecidos não orientassem mais e a bússola chegasse a perder o Norte. Nesse quadro dramático, como fundar um discurso ético minimamente consistente?

Considerando a história, verificamos que duas fontes da moral orientaram as sociedades até hoje: as religiões e a razão. As religiões continuam sendo os nichos de valor privilegiados para a maioria da humanidade. A razão, desde que irrompeu, quase simultaneamente em todas as culturas mundiais, no século 6 a. C., no assim chamado tempo do eixo (Karl Jaspers), tentou estatuir códigos éticos universalmente válidos. Esses dois paradigmas não ficam invalidados pela crise atual, mas precisam ser enriquecidos, se quisermos estar à altura das intimidações que nos vêm da realidade hoje globalizada.

A crise cria a oportunidade de irmos às raízes da ética e descermos àquela instância na qual se formam continuamente valores. A ética, para ganhar um mínimo de consenso, deve nascer da base última da existência humana. Esta não reside na razão, como sempre pretendeu o Ocidente.

A razão não é o primeiro nem o último momento da existência. Por isso não explica tudo nem abarca tudo. Ela se abre para baixo de onde emerge, de algo mais elementar e ancestral: a afetividade. Abre-se para cima, para o espírito, que é o momento em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação. Portanto a experiência de base não é "penso, logo existo", mas "sinto, logo existo". Na raiz de tudo não está a razão ("logos"), mas a paixão ("pathos").

David Goleman diria: no fundamento de tudo está a inteligência emocional. Afeto, emoção - numa palavra, paixão- é um sentir profundo. É entrar em comunhão, sem distância, com tudo o que nos cerca. Pela paixão captamos o valor das coisas. E o valor é o caráter precioso dos seres, aquilo que os torna dignos de serem e os faz apetecíveis. Só quando nos apaixonamos vivemos valores. E é por valores que nos movemos e somos.

À deriva dos gregos, chamamos essa paixão de eros, de amor. O mito arcaico diz tudo: "Eros, o deus do amor, ergueu-se para criar a terra. Antes, tudo era silêncio, nu e imóvel. Agora tudo é vida, alegria, movimento". Agora tudo é precioso, tudo tem valor, por causa do amor e da paixão.

Mas a paixão é habitada por um demônio. Deixada por si mesma, pode degenerar em formas de gozo destruidor. Todos os valores valem, mas nem todos valem para todas as circunstâncias. A paixão é um caudal fantástico de energia que, como águas de um rio, precisa de margens, de limites e da justa medida para não ser avassaladora. É aqui que entra a função insubstituível da razão. É próprio da razão ver claro e ordenar, disciplinar e definir a direção da paixão.

Eis que surge uma dialética dramática entre paixão e razão. Se a razão reprimir a paixão, triunfa a rigidez, a tirania da ordem e a ética utilitária. Se a paixão dispensar a razão, alise vigora o delírio das pulsões e a ética hedonista, do puro prazer. Mas, se vigorar a justa medida e a paixão se servir da razão para um auto-desenvolvimento regrado, então emergem as duas forças que sustentam uma ética humanitária: a ternura e o vigor.

A ternura é o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege. O vigor é a contenção sem a dominação, a direção sem a intolerância. Ternura e vigor, ou também "animus" e "anima", constroem uma personalidade integrada, capaz de manter unidas as contradições e se enriquecer com elas.

Aqui se funda uma ética, capaz de incluir a todos na família humana. Essa ética se estrutura ao redor dos valores fundamentais ligados à vida, ao seu cuidado, ao trabalho, às relações cooperativas e à cultura da não-violência e da paz.

Entrevista da Semana

O PIONEIRO PRUDENTE

*Publicamos a entrevista com Luc Montagnier, realizada pela Revista **Carta Capital**, número 244, p. 34-36, de 11 de junho de 2003. Luc Montagnier é um dos maiores nomes das biociências, cuja fama ganhou mundo em razão de uma polêmica com o americano Robert Gallo em relação à autoria da descoberta do HIV. Hoje, ambos são considerados os "pais" do*

vírus. Na entrevista, Montaigner fala sobre a geopolítica da doença, os riscos da ciência genética e a probabilidade da existência de Deus.

No dia 20 de maio de 1983, a **Revista Science** publicava um artigo assinado por 12 pesquisadores franceses sobre a primeira identificação do vírus da Aids. Luc Montagnier era o chefe da equipe, no Instituto Pasteur. Hoje, o professor Montagnier dirige, em Paris, a Fundação Mundial para Pesquisa e Prevenção da Aids criada em 1993, associada à Unesco. Este ano, ele escreveu no **Le Monde** "O elogio da reprodução natural", em que condena veementemente a clonagem. Nesta entrevista, Montagnier fala de sua pesquisa da vacina contra a Aids, de clonagem, do tratamento antioxidante que prescreveu ao Papa e do que enviou aos chefes de Estado do G-8, em Evian, co-assinado por Roberto Gallo.

Carta Capital: *"Éramos um grupo de marginais trabalhando sobre uma doença marginal." Essa era, segundo o senhor, a equipe do Instituto Pasteur que descobriu o vírus HIV1. Por que a ciência ainda não venceu esse vírus?*

Luc Montagnier: Também me faço a pergunta. A gente conhece quase tudo sobre o vírus, mas ele causa uma doença complexa em que entram muitos fatores indiretos para destruir o sistema imunológico. Há indagações sobre o modo de transmissão sexual e há indagações que ultrapassam o contexto científico. Mesmo se tivéssemos todas as soluções científicas, teríamos ainda que aplicá-las nos países mais atingidos, os do Terceiro Mundo. A pesquisa está no Norte, e a epidemia se espalha no Sul. Sou otimista, apesar de tudo, e proponho um plano global que permitiria vencermos a epidemia da Aids.

CC: *Esse plano pode vencer o vírus a curto prazo?*

LM: Espero que relativamente curto. Já dispomos de inibidores de vírus poderosos, utiliza-se a triterapia (coquetel), que não cura, mas permite ao paciente sobreviver muitos anos. Mas essa terapia tem efeitos tóxicos, custa caro, apesar das tentativas feitas pelos laboratórios e também por países, como o Brasil, que fazem genéricos para baixar os preços. Mas os produtos não são usados na maioria dos países do Hemisfério Sul, sobretudo na África, e são pouco aplicados na Ásia.

CC: *Os países ricos conhecem a extensão do problema?*

LM: Não. Justamente por isso escrevemos - o professor Robert Gallo e eu - aos chefes de Estado dos países ricos, o G-8, para relatar a situação.

CC: *O que diz o relatório?*

LM: Que é preciso criar infra-estruturas e financiar os testes, mais caros que os remédios. É preciso que os testes sejam feitos ao menos duas vezes por ano em cada paciente. A segunda condição é melhorar os tratamentos. Não se pode dar remédio a vida toda. O tratamento é difícil de suportar muito tempo.

CC: *Como pode ser aperfeiçoado? O senhor pesquisa a vacina terapêutica?*

LM: Pela imunoterapia. Restaurado parcialmente o sistema imunológico pela desaceleração da multiplicação do vírus, o que se obtém entre três e seis meses pelos medicamentos do coquetel, o sistema imunológico é capaz de responder, ao menos parcialmente, a uma vacinação. Propomos - Robert Gallo e eu - que se faça a injeção de proteínas de vírus, se modifique a proteína da superfície do vírus e se acrescentem proteínas na vacina. Com a restauração parcial pelo tratamento anti-retroviral, podemos vacinar. Mas parece que não é

suficiente. Os primeiros testes sugerem que é preciso restaurar mais o sistema imunológico. E aí proponho os antioxidantes, isto é, estimulantes, pois está provado que, na Aids, como em outras infecções crônicas, há um "estresse oxidante" muito forte. Proponho testes clínicos para demonstrar que isso funciona exatamente assim. Depois do tratamento com os anti-retrovirais, passa-se a um tratamento antioxidante e, depois, vacina-se com a vacina terapêutica. E a esperança é que se possa diminuir depois o tratamento químico e até suprimi-lo.

CC: *O papa João Paulo II teve uma melhora com o tratamento antioxidante que o senhor prescreveu. Como transferiu o que aprendeu com a Aids para patologias neurodegenerativas, como o mal de Parkinson ?*

LM: É verdade, foi a partir de observações sobre a Aids - que considero um envelhecimento acelerado com fenômenos neurológicos - que vi fatores comuns à Aids e às doenças crônicas do envelhecimento, sobretudo o fato de existir um "estresse oxidante". O simples fato de envelhecer já faz baixar as defesas imunológicas e aumentar o "estresse oxidante". A partir de 45 anos, quase todo mundo já tem déficit em moléculas antioxidantes. Há 250 publicações que mostram que, na doença de Parkinson, há déficit antioxidante. O primeiro teste com resultado satisfatório foi num caso de Aids. Houve melhora em combinação com a triterapia. Isso nos levou a utilizar esses produtos para doenças como Parkinson.

CC: *Quais são esses produtos?*

LM: Há muitos extratos de plantas antioxidantes, sobretudo da Amazônia. Os índios têm extratos de plantas muito eficazes.

CC: *Os pesquisadores os conhecem bem?*

LM: Conheço alguns. Os cientistas europeus começam a conhecê-los. Eles interessam pouco à indústria farmacêutica, porque são extratos complexos; não se sabe quais são os princípios ativos, são misturas. Entre esses produtos havia um extrato de papaia fermentado e "glutathion", uma pequena molécula natural feita de três aminoácidos. Essa molécula é fabricada por nossas células, mas em quantidade insuficiente, a partir de um certo nível de oxidantes. Ela neutraliza os produtos oxidantes, mas, quando eles já são em grande quantidade, essa molécula é insuficiente. Resolvi prescrever esse produto também no mal de Parkinson.

CC: *E sempre funciona?*

LM: Nessas doenças, há lesões irreversíveis. Não se pode reverter totalmente o quadro, mas pode-se estabilizar a evolução. Em alguns casos, há reversões.

CC: *É o caso do Papa?*

LM: Parece que é o caso do Papa. Mas prefiro ser muito prudente, pois, oficialmente, o Vaticano disse que ele não tomou meus remédios. Dei a João Paulo II produtos para um mês e lhe disse que eu os tomava como prevenção. Ele me disse que ia tomar. Mas depois não fiz nenhum controle.

CC: *E é nesses casos que esses produtos podem ajudar?*

LM: Eles teriam mais efeito num estágio precoce. Mas parece que podem melhorar a condição física dos pacientes, tremem menos, falam melhor.

CC: *O senhor escreveu no jornal Le Monde um belo artigo, "O elogio da reprodução natural": Logo depois, o Senado francês votou a lei que proibia a clonagem reprodutiva. A lei francesa que proíbe a clonagem terapêutica e a reprodutiva é boa?*

LM: Existe quase um consenso de que a clonagem reprodutiva deve ser proibida. Quanto à clonagem terapêutica, ela pode, infelizmente, levar à clonagem reprodutiva. Não tenho nada contra pesquisas sobre a clonagem terapêutica. E sei que alguns pesquisadores reclamam que querem impedir a pesquisa para a substituição de órgãos. Isso é falso, porque podemos encontrar células-tronco adultas ou provenientes de sangue fetal, não precisaremos de células embrionárias para rediferenciar essas células especializadas de órgãos.

CC: *Então os embriões não são indispensáveis?*

LM: Podem-se fazer pesquisas com embriões de animais. A revista **Science** publica este mês um ótimo artigo que demonstra que se pode partir de células-tronco embrionárias de ratos. Podem-se criar óvulos, isto é, partir realmente de células de reprodução. Podem-se criar células chamadas totipotentes e fazer todas as células do rato, inclusive as reprodutivas. Não se precisa de embrião humano.

CC: *O senhor escreveu: "Nosso conhecimento dos mecanismos do desenvolvimento embrionário é muito embrionário" Há biólogos que defendem a clonagem reprodutiva?*

LM: Não conheço nenhum. Mas pode haver.

CC: *Eles são irresponsáveis?*

LM: Completamente. Porque se trata de modificar o patrimônio genético que herdamos. Não se pode modificá-lo assim. Do DNA, do genoma, conhecemos muito pouca coisa. Conhecemos os genes e descobrimos que eles são uma pequena minoria na extensão do DNA. Há muitas seqüências do DNA que não são genes, servem a outra coisa. E disso não sabemos nada ou muito pouco, portanto, seríamos aprendizes de feiticeiros se fizéssemos clonagem reprodutiva.

CC: *Seria uma subversão muito radical da natureza?*

LM: Sim. Mesmo a fecundação *in vitro* já é perigosa, porque se injeta um espermatozóide no óvulo com uma agulha. Não é assim na natureza, onde há a seleção natural de espermatozoides. Quando se injeta, o óvulo é agredido, porque é penetrado como um arrombamento, enquanto a natureza, há milhões de anos, previu outros sistemas não-violentos. Isso também não deve ser feito. Mesmo que a criança nasça normal, quem nos diz que sua descendência será?

CC: *O senhor acha que é possível controlar no mundo todos os pesquisadores que querem fazer clonagens? Como?*

LM: Não se pode controlar totalmente mas parcialmente, negando verbas públicas. Pode-se apelar para o espírito ético dos pesquisadores. Defendo um juramento de Hipócrates também para os pesquisadores. Pode-se pedir que prestem juramento de não causar danos à pessoa humana nem à humanidade. Mas não se pode impedir totalmente alguém de fazer clones, porque, tecnicamente, não é difícil. Uma das diferenças entre a biologia e a física é que, na biologia, não se precisa de enormes máquinas. Pode-se alugar um apartamento em Paris ou em Nova York, fazer experiências e ninguém saberá. Não se pode impedir, o que pode haver é uma condenação universal. Um outro problema é o da utilização dos embriões "extranumerários".

CC: *Que embriões são esses?*

LM: Quando se faz a fecundação *in vitro*, há tentativas fracassadas. O médico faz uma injeção hormonal na mulher para que ela produza vários óvulos ao mesmo tempo. Normalmente, ela produz um óvulo por mês. Assim, o médico tem vários óvulos, que vai pôr junto dos espermatozoides do parceiro. Eles vão ser fecundados, mas o médico só necessita de um embrião.

CC: *E os outros?*

LM: São congelados a menos 80 graus.

CC: *Em todas as clínicas de fecundação existem embriões congelados?*

LM: Sim. Há métodos de congelamento que protegem as células, portanto, os embriões são viáveis. Podem ser utilizados se a primeira gestação falhar.

CC: *E se der certo, os embriões pertencem à clínica ou são destruídos?*

LM: Ela os guarda. Podem servir à pesquisa. Só são destruídos se os pais pedirem.

CC: *O senhor diz que o sonho humano da imortalidade do indivíduo não pode ser realizado pela clonagem. Por quê?*

LM: O ser humano é um ser biológico, mas é também um ser cultural. Se uma criança não é estimulada para aprender a falar, a andar, continuará um pequeno animal. É preciso, pois, arquivar no cérebro um acervo cultural. Existe o homem como ser biológico, mas existe a civilização, o acervo cultural que data de alguns milênios apenas. Cada ser humano é sua experiência humana. Portanto, um clone de você terá um cérebro virgem, um disco onde não há nada registrado. Logo, não será você. Se essa pessoa adquire uma experiência será diferente. Será apenas um gêmeo deslocado no tempo.

CC: *Realmente, não é a eternidade do indivíduo.*

LM: Claro, é a ficção científica que um dia poderemos registrar o que está no cérebro e transferir. Existimos, porque somos geneticamente diferentes. Resistimos às doenças, porque temos genes diferentes, polimórficos. Portanto, se nos deparamos com uma grande epidemia, como a Sars ou a Aids, mesmo se a medicina não se ocupasse do problema muitos não morreriam. Cada pessoa reage um pouco diferente, graças à diversidade. Mas se todo mundo fosse derivado do mesmo clone, a humanidade poderia ser varrida por epidemias de uma só vez. Nós nos beneficiamos de uma experiência de milhões de anos, o homem não pode modificar isso em alguns anos. Talvez um dia possamos retirar alguns genes defeituosos, pode-se chamar isso de eugenismo. Quanto à imortalidade, temos programas genéticos para morrer. Se retirarem esses genes, poderemos viver, talvez, 900 anos.

CC: *Os biólogos sentem-se tentados a manipular os genes da velhice? "*

LM: É uma tentação, mas seria prematuro, porque não se conhece tudo no genoma. Há os genes, mas há seqüências que não têm nada a ver com esses genes, que regulam a expressão desses genes e não se sabe como manipulá-los. O ser humano não é feito unicamente da expressão de seus genes, ele é feito do desenrolar harmonioso dos programas.

CC: *O senhor escreveu: "Se existiu um criador, parece que ele trabalhou muito no início e depois deixou as coisas evoluírem por elas mesmas no nosso planeta". O senhor crê em um Deus criador?*

LM: No início, a gente é obrigado a partir do postulado de que é a existência da própria matéria. Existimos, porque os átomos podem se formar em baixas temperaturas, agregar elétrons, formar moléculas. Essas moléculas podem interagir. Portanto, tudo depende de dados iniciais sobre essas partículas elementares. Há constantes extremamente precisas. Se essas constantes fossem um pouquinho modificadas, nós não existiríamos. Não haveria sol, não haveria universo. Então, há duas hipóteses. Há um dado de fato que existe no início e que é aleatório, não há um ser organizado por trás de tudo. Pode-se imaginar; ao contrário, uma força intelectual poderosa que calculou todos os dados. Na Biologia, há uma evolução no sentido de maior complexidade e organização. A quantidade da matéria viva na superfície do planeta não mudou desde muito antes da Era Primária. Mas a organização mudou. Falo de organização em seres celulares, monocelulares e, em seguida, pluricelulares. Depois, tem-se um novo nível de organização, com a espécie humana, a sociedade humana organizada. Se tomarmos uma célula de seu corpo, ela "sabe" que faz parte do corpo, mas não "sabe" que faz parte de uma sociedade organizada. Portanto, extrapolando, pode-se dizer: "O homem sabe que está numa sociedade, mas não sabe se existe acima dele uma organização superior que ele não pode conhecer". Portanto, é preciso ser prudente e modesto. Não se pode dizer: "Eu sei". Pode-se dizer: "Sei que não sei". É muito possível que exista acima de nós alguma coisa que não podemos detectar. É muito possível. E que nos controla e que nos domina. Não sabemos. Portanto, prudência.

Deus nos jornais

Intelectuais e o governo Lula

Marilena Chauí: a direitização de um governo de esquerda

Os professores da USP Fábio Konder Comparato (Direito), Marilena Chaui (Filosofia), Francisco de Oliveira (Sociologia) e Aziz Ab'Saber (Geografia), além de Octavio Ianni (Sociologia), da Unicamp, entre outros, subscreveram o "Manifesto de Alarme Contra a Proposta do Governo de Reforma da Previdência", propondo a sua "retirada" do Congresso. A notícia está estampada nos jornais **Folha de S. Paulo** e **Estado de S. Paulo**. Para Marilena Chauí, "uma ação política é nossa responsabilidade histórica de impedir o colapso, o fracasso e a direitização de um governo de esquerda que está lá porque nós o construímos." Segundo Marilena Chauí, "do ponto de vista de um governo petista, o primeiro equívoco foi tomar como prioritário um tema que pertencia à agenda do (ex-presidente) Fernando Henrique Cardoso. Ao propor essa reforma, o governo abre uma brecha que tende a se tornar um abismo que o separa da sua base política".

Fábio Konder Comparato

Os mais pobres pagam a conta da estabilização financeira

O jurista Fábio Konder Comparato afirma: "Todos nós que elegemos Lula e teimamos em manter a esperança de que esse governo seja bem-sucedido não podemos deixar de lutar contra a colossal contradição que se instalou no governo: de um lado, uma política externa independente e democrática jamais vista antes; de outro, todo o peso da estabilização financeira e monetária recaindo sobre as camadas mais pobres da população."

Otávio Ianni:

“Lula está semeando uma tempestade”

Otávio Ianni, segundo o jornal *Estado de S. Paulo*, 11-6-03, afirmou: “Outro dia ele (Lula) declarou que está semeando agora para colher no futuro, mas ele está semeando uma tempestade”, disse o sociólogo. “E a tempestade já está em marcha e as inquietações dos vários setores da sociedade se multiplicam”, disse Ianni.

Aziz Ab'Saber:

“O governo não quer a CPI, mas quer reformas inúteis”

O geógrafo Aziz Ab'Saber, que recentemente concedeu uma longa entrevista ao *IHU On-Line*, criticou as manobras do Planalto para tentar evitar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigue o envio de ilegal de US\$ 30 bilhões ao exterior pelo Banco do Estado do Paraná (Banestado). “O governo não quer fazer CPI, mas quer continuar fazendo a reforma da Previdência e outras reformas inúteis”, afirmou Ab'Saber, segundo o jornal *Estado de S. Paulo*, 11-6-03.

Francisco de Oliveira:

Governo Lula pode ficar refém da direita

Em entrevista concedida ao jornal *Estado de S. Paulo*, 11-6-03, Francisco de Oliveira, sociólogo, que estará na Unisinos no segundo semestre deste ano, concluindo a segunda etapa do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, refletindo sobre o governo Lula afirma: “O perigo disso para o governo é se isolar, ficar refém da direita, que já está no governo até o pescoço - e pior do que o governo Fernando Henrique, porque ele, de alguma maneira, se legitimava dentro da direita. O governo Lula pode ficar refém e com um grave prejuízo para a sua política”. E contundente recorda: “Na reunião do colégio Sion, eu estava lá e assinei a ata de fundação do PT. Tenho autoridade moral para cobrar do meu partido os equívocos de política que esse governo está cometendo”.

PT: partido de centro

Mudança no mapa político do Brasil

O editorial da *Folha de S. Paulo*, 11-6-03, sob o título ‘Petismo real’ é peremptório: “A migração do Partido dos Trabalhadores em direção ao centro do espectro ideológico, a esta altura consolidada, traz uma mudança importante no mapa político do país. Não há mais uma grande força organizada de esquerda aspirando ao poder central. Vive-se uma situação inédita desde o fim do regime militar: direta ou indiretamente, todas as tendências políticas institucionalizadas já ocuparam - ou agora ocupam - o governo federal”.

A difícil relação do Ocidente com a alteridade

Segundo Renato Janine Ribeiro

Na revista *Cult*, n. 69/2003, Renato Janine Ribeiro publica um artigo onde afirma: “Dizem alguns que o século XX terminou ao cair o muro de Berlim (e o comunismo), outros que o século XXI começou ao caírem as torres de Manhattan. Como o Afeganistão esteve nas duas quedas, nossa tese será que tanto a morte do comunismo quanto o início do século XXI foram antropológicos. Não precisamos assumir a idéia do choque das civilizações, de Huntington, para perceber que o fim de uma era e o começo de outra têm a ver com a difícil relação entre o Ocidente e a alteridade”.

Modelos alternativos de democracia

Eis o desafio!

Renato Janine Ribeiro, no mesmo artigo acima citado, aposta: “Está na hora de promover modelos alternativos de democracia – mas para isso temos de ajustar contas com idéias muito fortes, como a do modelo norte-atlântico a imitar, de direitos basicamente individuais, de sociedade fundada na economia. Uma catarse de nossos sonhos norte-americanos e franceses, de nosso século XVIII político, pode ser necessária para substituímos, na política, a mimese pela criação”.

Onde está Deus, hoje?

Matéria de capa da revista Time

“Para onde Deus se foi?” Com esta pergunta a revista **Time** dedica a reportagem de capa ao tema “cristandade européia”. É o que informa o jornalista italiano Luigi Accatoli, um dos mais conceituados ‘vaticanistas’, no jornal **Corriere della Sera**, 12-6-03. A revista recorda a matéria de capa que dedicou à religião, em 1966, com a pergunta: “Deus morreu?”. Agora ela atualiza o seu diagnóstico: “Ele vive ainda, mas hoje, na Europa, não mais o encontramos onde ele era encontrado em tempos passados”. Ele podia ser encontrado nas catedrais e paróquias. A revista descreve as igrejas que se esvaziam concentrando a atenção na catedral de Chartres, muito freqüentada por turistas, mas pouco usado pelos ‘fiéis’. Cinco são os lugares novos onde, segundo os dados e gráficos da revista, Deus se refugia, hoje, na Europa: na vida privada, no mundo dos migrantes, nos novos movimentos religiosos, nas reuniões juvenis, nos ambientes alternativos (grupos gays, feministas, cultores de ‘novas espiritualidades’).

Entre os novos movimentos religiosos, a pesquisa da revista Time dá um amplo espaço aos ‘Cursos Alpha’, nascidos em Londres, no ambiente anglicano e se difundiram pela Europa. Eles se propõem atender cristãos e pós-cristãos de qualquer pertença. Trata-se de quinze encontros de convívio que oferecem “uma oportunidade para conhecer mais profundamente a fé cristã”.

A revista, ainda, segundo Luigi Accatoli, sob o título ‘Deus está no meio dos jovens’, dedica um amplo espaço para as reuniões de Taizé, as ‘Jornadas’ da juventude, apoiadas por João Paulo II, que reuniu um milhão de jovens em Paris, em 1997, e dois milhões em Roma, no ano 2000, e a recente ‘Jornada ecumênica’ de Berlim reunindo, pelo menos, 80 mil jovens.

Revista econômica francesa debate os OGMs

A revista **Alternatives Économiques**, n. 214, maio de 2003, publica uma reportagem sobre a expansão da produção e a comercialização de sementes de organismos geneticamente modificados – OGMs. Segundo os dados da revista, seis milhões de agricultores produzem hoje plantas transgênicas. Segundo a revista, “as áreas de transgênicos não param de crescer desde 1996, ano em que foram introduzidas as primeiras culturas comerciais nos Estados Unidos. Elas passaram de 1,8 milhão para 58,7 milhões de hectares em seis anos. Cada ano, as terras semeadas com OGMs crescem mais de 10%”.

A revista mensal francesa mostra que “99% da superfície mundial de culturas transgênicas se encontram em quatro países. Os Estados Unidos, com 39 milhões de hectares, representam 66% desse total. Eles são seguidos pela Argentina (23%), pelo Canadá (6%) e a China (4%). A soja, com 62% das áreas de OGMs, fica com a maior fatia. Em seguida vem o milho (21%), o algodão (12%) e a colza (5%)”.

Brasil e os OGMs

Boa opção estratégica

Para a revista *Alternatives Économiques*, o Brasil “ao recusar a introdução de plantas transgênicas em seu território, fez até agora uma boa opção estratégica: as importações comunitárias de soja provenientes dos Estados Unidos, principal fornecedor da União Européia antes da introdução da cultura de soja geneticamente modificada, passaram de 9,2 milhões de toneladas em 1996 para 6,8 milhões de toneladas em 2001. Durante o mesmo período, as exportações brasileiras de soja subiram de 3,1 milhões para 6,3 milhões de toneladas. O Brasil é, com efeito, o terceiro maior produtor mundial depois dos Estados Unidos e da Argentina onde 90% da produção de soja é transgênica. Esta vantagem comercial permanece, contudo, muito frágil: em alguns Estados limítrofes da Argentina, no Rio Grande do Sul, por exemplo, soja OGM teria aparecido seja por contaminação de produções, seja, mais freqüentemente, por conta do tráfico ilegal de sementes geneticamente modificadas”. A revista cita o caso de países africanos com Zimbábue, Moçambique e Zâmbia recusaram o milho transgênico oferecido pelos Estados Unidos, em junho do ano passado, através do programa alimentar mundial (PAM), para não terem as portas da Europa fechadas à exportação de carne.

Riscos dos OGMs

Um debate aceso

A revista faz um sumário do debate sobre os perigos e riscos dos OGMs. Abordando os campos científico e econômico desse debate, a revista escreve:

“Os argumentos dos que são contrários aos OGMs se situam em muitos campos: no campo científico, as questões giram em torno dos riscos sanitários incorridos pelos consumidores pela absorção de produtos que contêm OGMs suscetíveis de oferecer resistências aos antibióticos. Outro problema: a contaminação de plantas tradicionais por conta da disseminação de variedades geneticamente modificadas. No campo econômico, pró e anti-OGMs, discutem-se estudos contraditórios relativos aos efeitos benéficos dessas plantas sobre a renda dos camponeses. A idéia segundo a qual os OGMs permitiriam um crescimento dos rendimentos foi uma ducha de água fria: seriam em média 6% a 11% inferiores aos realizados por variedades tradicionais, segundo a Soil Association. Menos contestado parece ser o fato de que, depois de muitos anos de cultura, os agricultores que utilizaram OGMs viram aparecer em seus campos novas ervas daninhas que necessitam de mais pesticidas, o que faz crescer novamente os custos de produção. A estes custos deve-se acrescentar o preço das sementes transgênicas: essas têm preços mais elevados que as sementes tradicionais, além do fato de não poderem ser reutilizadas de um ano para outro. De onde vem a crença de uma dependência dos agricultores em relação às empresas agroquímicas”.

Frases da Semana

Bush e Lula

“Nós dois somos rejeitados pelas elites intelectuais e políticas de nossos países” – **O Globo**, 16-6-03, segundo a coluna ‘Panorama Político’, “numa conversa com ministros e assessores, Lula relatou uma confidência feita pelo americano nas conversas que tiveram durante reunião do G-8 na França onde Bush ressaltou a semelhança entre eles”.

Francisco de Oliveira

“Do ponto de vista do que se esperava, não tem nada positivo. Nas margens, pelo menos tem sido um governo que topa o diálogo. Mas se continuam dando os sinais que estão dando, o governo caminhará para uma forma autoritária disfarçada de democracia” – Francisco de Oliveira, sociólogo, respondendo à pergunta “O governo Lula não tem nada de positivo?” em entrevista publicada no jornal **Estado de S. Paulo**, 15-6-03.

O combate à Aids em Moçambique

“Num ano, conseguimos salvar 160 crianças, impedindo a transmissão do vírus HIV da mãe ao recém-nascido. Números ainda pequenos, mas importantes. Estamos demonstrando que mesmo com recursos limitados se pode combater a Aids e agora outros países da África austral estão estudando o nosso modelo. Conseguimos fornecer a terapia antiretroviral por um custo de 350 dólares/ano, adquirindo remédios genéricos na Índia. Na Europa e nos EUA a mesma terapia, com remédios patenteados, custa mais de 15 mil dólares. Mas em Moçambique também os nossos custos reduzidos seriam proibitivos: aqui por cada habitante a saúde pública gasta 8 dólares/ano” - Mario Marazziti, porta-voz da Comunidade Santo Egídio, com sede em Roma, falando sobre o trabalho desenvolvido em Moçambique no combate à Aids – **La Repubblica**, 15-6-03.

“Em Moçambique, 137 crianças de 1000 morrem no primeiro ano de vida. 224 morrem antes de completarem cinco anos de vida. As covas devem estar sempre prontas pois as mães devem voltar imediatamente para suas casas para acudirem os outros cinco ou seis filhos” – Mario Marazziti, porta-voz da Comunidade Santo Egídio, com sede em Roma, falando sobre o trabalho desenvolvido em Moçambique no combate à Aids – **La Repubblica**, 15-6-03.

Chapeuzinho vermelho e Big Pharma

“Nós somos o ‘chapeuzinho vermelho’ e Big Pharma é o lobo. Não podemos combatê-lo, mas somente convencê-lo a mudar de hábitos. Mas se os remédios genéricos vierem a ser proibidos em nome da patente e do lucro, a África corre o risco de desaparecer” – Giuseppe Liotta, médico, voluntário, trabalhando no laboratório de Santo Egídio, no hospital central de Maputo – **La Repubblica**, 15-6-03.

A reação dos intelectuais: pouca importância política

“A maioria desses intelectuais não tem experiência de atuação política concreta num contexto de competição democrática. Politicamente têm pouca importância: alinharam-se o tempo todo contra FHC, que conseguiu vencer duas eleições presidenciais no primeiro turno. Podem fazer muitas reuniões em algumas unidades da universidade e cutucar o governo. Mas, no rol dos problemas e adversários que qualquer governo tem que enfrentar, a intelectualidade radical das academias é pouco perigosa, apesar da capacidade de vocalização” - Leôncio Martins Rodrigues, cientista político, em entrevista publicada na **Folha de S. Paulo**, 15-6-03.

Avisos da Coordenação

O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI Simpósio Internacional

No dia 10 de junho, a coordenação do IHU se reuniu com a comissão organizadora do Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, que será realizado de 24 a 27 de maio de 2004. A comissão organizadora, além dos membros da coordenação do IHU, é composta pelos seguintes membros: Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da Unisinos e professor do PPG em Filosofia, Dr. Pedro Gilberto Gomes, pró-reitor de Ensino e Pesquisa, Prof^a. Dr^a. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, o Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, a Prof^a. Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da Área de Concentração Teologia Pública do IHU, o Prof. MS Laurício Neumann, coordenador da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU, o Prof. MS Dáris Corbellini, coordenador da Área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU, o Pe. João Geraldo Kolling, do Centro de Espiritualidade Cristo Rei, o Prof. Dr. José Roque Junges, professor do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, o Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas, e a Prof^a. Haide Maria Hupfer, diretora de Extensão da Unisinos. A prof^a. Dr^a. Valburga Schmiedt Streck, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, também integra a comissão, mas por estar no exterior não esteve presente.

Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal

No dia 11 de junho, quarta-feira, a coordenação do IHU reuniu-se com Rogério Delanhesi, da Área de Negócios da Unisinos, Alexander Penz, da Central de Eventos, Angela Rahde, coordenadora de Jornalismo da Diretoria de Comunicação Social e Marketing da Prodesen, Unisinos e com Paula Carvalho, da Área de Negócios, para fazer uma avaliação do Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal*, realizado de 20 a 22 de maio de 2003.

Por uma nova sociedade

Nos dias 12 a 15 de junho, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou o seminário nacional "Por uma sociedade nova. Limites e possibilidades da contribuição da Vida Religiosa", no Rio de Janeiro, promovido pela Conferência dos Religiosos dos Brasil - CRB. Participaram do seminário 44 pessoas vindas de nove estados brasileiros e na sua maioria participantes do 3º Fórum Social Mundial.

MEMÓRIA

A dimensão 'narrativa' do universo

*Ecoando ainda a vida e a obra de Ilya Prigogine, falecido no último dia 28 de maio, traduzimos e reproduzimos um texto inédito dele. O artigo foi publicado com o título: "Prigogine: com Bruno. Um inédito de Ilya Prigogine" pelo jornal italiano **Corriere della Sera**, em 30 de maio de 2003. Sobre Prigogine, o leitor e a leitora podem conferir a 62ª edição de **IHU On-Line**, páginas 25-30.*

"Quantas idéias originais em Bruno, quantas intuições geniais que superam largamente o nível intelectual da sua época. Parece-me que sob este aspecto foi uma verdadeira injustiça. É necessário que se faça um trabalho para que Giordano Bruno apareça como profeta da ciência humana. Poderia citar numerosos pontos onde os problemas colocados por Bruno são discutidos até hoje. Um destes problemas é, certamente, o do universo infinito. Nós não sabemos se nos encontramos sobre um pequeno globo que navega num espaço onde se encontram numerosos outros universos, ou se o nosso universo é único. Mas mesmo que seja único, ele é imenso e, num certo sentido, corresponderia à imagem bruniana do universo infinito. Bruno insiste sobre a ausência de centro. Qualquer ponto do universo é o centro. É precisamente isso que encontramos no modelo homogêneo e isotrópico da cosmologia moderna. Cada galáxia é circundada por outras galáxias que se afastam numa velocidade proporcional à distância. Não há centro nenhum.

A idéia de um universo infinito é mais do que nunca próxima do homem contemporâneo. Graças à tecnologia e à informática estamos conectados com todos os pontos do globo. Estamos na presença de uma humanidade essencialmente infinita. E é bem conhecido que esta situação, que está na origem da 'globalização', traz consigo o melhor e o pior. O homem não é mais prisioneiro da Terra. Pensemos nas expedições para Marte num futuro próximo. Mas qual é a seção que poderemos explorar? No momento estamos vinculados ao valor finito da velocidade da luz. Esta é uma prisão definitiva? Atualmente há muitas pesquisas mostrando que a velocidade da luz é um fenômeno mais complexo do que se acredita. Podemos mostrar exemplos nos quais a velocidade da luz é mais elevada que a prevista e também exemplos, estudados experimentalmente, nos quais a velocidade da luz é muito menor.

Nuccio Ordine, falando de Bruno, escreveu: "A lúcida escolha de uma filosofia do infinito exige uma participação total que implica necessariamente uma modificação da existência pessoal". Para mim esta é uma profunda verdade. Nós percebemos a necessidade de que a nossa sociedade seja mais conforme à diversidade e às dimensões que encontramos ao redor de nós. Mas para estar em harmonia com este universo em contínuo devir, devemos encontrar novos métodos de pesquisa. O universo tem uma dimensão 'narrativa'. Em cada nível, constatamos que há uma forma de história. O caráter narrativo significa que há eventos imprevistos; daqui emerge a idéia de um universo aleatório. Contudo, estamos longe de ter encontrado a formulação quantitativa que corresponda à dimensão da nossa visão. Nuccio Ordine o colocou bem em evidência: "Para um homem, pensar o infinito consiste, num certo sentido, em pensar a si mesmo como uma parte minúscula de um todo, no manifestar com entusiasmo a certeza de que a própria vida participa, salvo as devidas proporções, do incessante movimento do Universo". É essa exatamente a conclusão a que eu tinha chegado nas reflexões que acompanharam a minha vida de pesquisador e de professor".

EVENTOS IHU

Janine Ribeiro na Unisinos

Na última quinta-feira, dia 12 de junho, o *IHU Idéias* e o *Ciclo de Estudos sobre o Brasil* contaram com a presença do professor Dr. Renato Janine Ribeiro. Janine Ribeiro é professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo, na qual também obteve os títulos de doutor e livre-docente em Filosofia. Publicou, entre outros, os seguintes livros: **A marca do Leviatã** (1978), **Ao leitor sem medo - Hobbes escrevendo contra o seu tempo** (UFMG, 1984), **A última razão dos reis - ensaios de filosofia e de política** (1993), **A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil** (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, Prêmio Jabuti) e, ainda, **Democracia** (2001) e **República** (2001). Foi presidente da Comissão de Cooperação Internacional da USP (1991-94), membro do Conselho Deliberativo do CNPq (1993-97), conselheiro (1995-97 e 1999-2003) da SBPC, bem como seu secretário (1997-99). Coordenou a programação científica das reuniões anuais da SBPC em Natal (1998) e Porto Alegre (1999). Recentemente lançou o livro **A Universidade e o Tempo Atual** (Rio de Janeiro, editora Campus).

Renato Janine Ribeiro esteve participando do Simpósio Nacional do Bem Comum e Solidariedade: por uma ética na política e na economia, em junho de 2002, apresentando o tema **A política e o Bem Comum: por uma sociedade politicamente democrática**. Na época, concedeu uma entrevista a *IHU On-Line* publicada na edição nº 24, de 24/7/2002. Confira também a entrevista publicada na edição nº 63, de 9/6/03.

No *IHU Idéias*, Janine Ribeiro abordou o tema *A política que passa pelos costumes: a TV como porta de acesso à cultura brasileira da política*. O professor da USP explicou que sua curiosidade por estudar a televisão aconteceu especialmente a partir de que o jornal Folha de S. Paulo pediu para escrever uma coluna semanal sobre o assunto. Ele, leigo no assunto, descobriu a laicidade como uma qualidade, quando o assunto é cultura. Janine Ribeiro falou sobre o tempo atual de grandes mudanças culturais e da necessidade de entender essas mudanças sem preconceito para com o que surge de novidade. O professor, que no início notou a discussão política ausente do espaço televisivo acabou descobrindo que a política ocupa no Brasil e na TV brasileira um espaço diferente da política estrutural, isto é através dos Partidos Políticos. Ele insiste em que é necessário ver o Brasil pelo que é e não pela sua carência. "A TV é a ponte para entender que a política no Brasil passa pela via dos costumes. Ela apresenta os sinais do que está aparecendo na sociedade".

No *Ciclo de Estudos sobre Brasil*, Janine Ribeiro apresentou o tema "A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional". Na ocasião ele afirmou que a grande riqueza do Brasil é sua identidade enfraquecida. Para o filósofo a capacidade de agir é uma forte marca da identidade brasileira. Ele rompe com a visão usual sobre a identidade brasileira, que pergunta *quem somos* para disso inferir *como podemos agir de maneira decisiva, livre, emancipada e emancipatória*. "Justamente por termos fraca a definição de quem somos, podemos agir com maior liberdade. Então, longe de tentarmos adquirir uma identidade à força, devemos mantê-la fraca – e capaz de receber e transmitir diversos conteúdos". O palestrante abordou a

democracia como um valor que transcende todas as estruturas e perpassa as relações humanas e o afeto como uma característica fundamental no brasileiro. “É necessário introduzir afeto na política e na democracia, e é necessário democratizar os afetos”.

Ecos do Evento

“Achei muito pertinente a explanação de Janine Ribeiro no *IHU Idéias*. O palestrante é muito competente. Tira a TV do espaço de mera ‘diabolização’ e a resgata como legítimo canal da democracia da cultura brasileira. O risco está justamente em permear o oposto disso, que seria uma euforização do espaço midiático. Como a proposta não é mecanicista, está de pé a hipótese”.

Prof. MS Sérgio Endler, vice-diretor e professor do Centro de Ciências da Comunicação.

“Gostei muito deste *IHU Idéias*. Foi perfeito. Janine Ribeiro apresentou uma nova visão sobre a mídia no país. A cultura da TV é muito presente na vida das pessoas, em qualquer lugar, e ela as influencia. O que me causou espanto foram as boas perspectivas que ele tem sobre o assunto, porque eu tinha más”.

Guilherme Olivier, aluno do curso de Psicologia na Unisinos.

“Renato Janine Ribeiro tem desenvoltura, diz o que sente e o que pensa e tem coerência no que fala. Seria interessante que o Centro de Ciências Humanas e o Centro de Ciências da Comunicação fizessem uma parceria e retomassem o mesmo assunto com o mesmo palestrante. Eu viria assistir novamente, com certeza. O tema abordado foi muito pertinente, por ser pós-moderno e por apresentar possibilidades de perceber questões sobre a TV que eu ainda não tinha percebido. Minha tese de doutorado será sobre a TV e aproveitei muito a palestra de hoje, que foi mais que uma explanação para mim; teve um sentido muito maior”.

Amilton Glaucio de Oliveira, doutorando em comunicação na Unisinos.

“Achei muito interessante o Ciclo de Estudos sobre o Brasil. Fui muito importante para mim ter participado já que eu trabalho com pesquisa sobre Educação e cinema brasileiro. Levo valiosas chaves de leitura”.

Eli Fabres, professora do Centro de Ciências Humanas e doutoranda em Educação na UFRGS.

“Foi maravilhosa a apresentação do Janine Ribeiro no Ciclo de Estudos sobre o Brasil. O palestrante trouxe à tona, de forma muito forte, a questão da afetividade. Uma reflexão tão forte de um elemento tão necessário, e ao mesmo tempo esquecido e sufocado, é de vital importância na universidade”.

Cleufe Valls, pedagoga aposentada.

Próximo IHU Idéias

26/06/03 - "José Martí: filho do mundo colonial e precursor do anti-imperialismo" - Prof. Dr. Werner Altmann - Professor na Unisinos.

Lembramos que o evento acontece às quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e chocolate

IHU REPÓRTER



*Define-se como mãe, cientista, pianista razoável, boa cozinheira e tantas outras coisas... Com simpatia e sensibilidade Denize Righetto Ziegler, vice-diretora do Centro de Ciências da Saúde conversou com **IHU On-Line** sobre diversas experiências de sua vida e seu trabalho. Nascida em Santa Bárbara do Sul, na fazenda de seu avô, Denize morou em Carazinho, com sua família até os 14 anos, idade com a qual foi morar em Porto Alegre para estudar. Denize mostra, além de uma vida muito ativa e grande maturidade intelectual, um olhar de criança e uma incansável busca de aprender a viver.*

Família- Casei em 1984 com Kurt Ziegler. Conhecemo-nos na Europa. Eu tinha ganhado de meu pai uma viagem pela formatura. Conheci Kurt em Paris, onde ele estava trabalhando e estudando. Depois voltei a encontrá-lo em Roma. Começamos, então, a namorar e dois anos depois casamos. Tivemos dois filhos: Nathália, de 18 anos, que cursa Direito, na Unisinos e Matheus, de 12 anos, que estuda no Colégio Anchieta.

Trajetória- Formei-me na Unisinos, em Nutrição, em 1981. Uma vez formada, fui trabalhar na Febem com saúde comunitária e desnutrição onde permaneci durante 5 anos. Depois de casar, fui morar em São Paulo, onde nasceram meus dois filhos. Lá, eu fui dona de casa, mãe e trabalhei num consultório junto com um obstetra. Atendia a parte nutricional das gestantes. Trabalhei também em nutrição clínica no Hospital Israelita Albert Einstein. Mas a saudade nos fez voltar para Porto Alegre para ficar perto da família. Quando voltamos, fiz o mestrado e o doutorado em Bioquímica, na UFRGS. Em 1999, ingressei na Unisinos como professora. Já havia estado aqui dando cursos de extensão e palestras. Nesse mesmo ano, fui coordenadora adjunta do Curso de Nutrição, depois coordenadora de eventos de Extensão e, desde 2001, sou vice-diretora do centro. Sou também orientadora do Programa de Pós Graduação de Clínica Médica com ênfase em cardiologia no Hospital de Clínicas da UFRGS, onde oriento mestrandos e doutorandos.

Uma grande paixão- Sou apaixonada pela saúde em geral, pela Bioquímica, pelas moléculas, pelas células e seus movimentos. Aprendi a filosofar depois de conhecer as interações moleculares. Eu sempre brinco com meus alunos que, se eu não der certo como cientista, vou

montar uma Igreja baseada na dança das moléculas. O que há de mais transdisciplinar neste mundo é uma célula: o todo está dentro de cada uma delas e todas convivem em harmonia, exceto as tumorais, que tem também a sua lógica, pois foram forçadas a se modificar para sobreviver.

Autor- Na minha área, Hans Krebs, pela postura como cientista. Na filosofia, gosto muito de Goethe, **pela sua cosmovisão**. Tenho também uma atração pela Antroposofia de Rudolph Steiner, inspirada em Goethe. Há momentos na vida em que se procura uma espiritualidade maior. Eu fui criada na religião católica, mas, tendo muitas dúvidas, busquei algumas respostas na Antroposofia. Encaixei-me nessa visão de mundo.

Livro- Atualmente, estou lendo o livro **A arte da Prudência**, de Baltasar Gracián, um filósofo e jesuíta. Um dos livros que mais me marcou foi **Cem anos de Solidão**, de Gabriel García Márquez. Também gostei muito de **Paula**, de Isabel Allende.

Nas horas livres- Gosto de estar com minha família, de viajar com ela para a praia e para o interior. Adoro cinema. Leio muito, desde “revistinhas” até livros científicos. Leio tudo ao mesmo tempo.

Filme: **Como Água para Chocolate**, de Alfonso Arau e **O Poderoso Chefão**, de Francis Ford Coppola.

O desafio- Conciliar o ser mãe, com tudo o que isso significa para mim, com ser uma cientista que trabalha com pesquisa. É um desafio constante, mas acho que estou dando conta.

Momento mais feliz- Quando nasceram meus dois filhos. Ambos foram de partos normais, foi uma felicidade de espírito e carne, a dor da carne misturada com uma alegria incomparável. Outro momento muito feliz foi quando terminei a tese de doutorado. Poder ter feito a tese, trabalhando 40 horas e me dedicando a meus filhos, tudo ao mesmo tempo, foi uma grande façanha.

O outro- Trabalho voluntariamente no banco de alimentos. Uma vez por semana vou à Vila Farrapos ou às ilhas do Guaíba. Sempre fiz trabalhos comunitários, mas, desde que tenho meus filhos, sou mais sensível a toda essa realidade. Esses lugares são a cara da dor, fica estampada a nossa impotência como ser humano em realmente convivemos com igualdade, podemos apenas ser solidários. E isto que eu já quis mudar o mundo.....

Unisinos- É uma Instituição que recebe as pessoas de braços abertos. É meu espaço no mundo do trabalho, onde dou tudo de mim. Ter sido aluna da Unisinos também faz um diferencial.

Um grande sonho- O dia que me aposentar, embora nunca queira me aposentar da pesquisa. Sonho em morar em um sítio, acordar sem horário, plantar, trabalhar com a terra, mas ao mesmo tempo ter meu computador, não me imagino sem Internet.

IHU- É um lugar onde a Academia pode falar. Um espaço que a Universidade tem para pensar, não para cumprir uma meta. Isso estava faltando na Unisinos. Ao mesmo tempo, o IHU abriga diferentes visões, é algo muito diverso. Gostaria de estar mais perto, mas não tenho tempo.

Isso acho ruim. Eu vim para a Academia por uma opção, porque queria pensar e não simplesmente trabalhar na loucura do mercado.

INTERATIVO

Sala de Leitura



“Estou lendo o livro intitulado ***La corrosión del carácter: las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo***, de Richard Sennett, Barcelona: Anagrama, 2001². Partindo da expressão “capitalismo flexível”, o autor faz uma análise sobre o significado do trabalho nos tempos atuais. Pondera que, entre tantos outros efeitos, talvez o aspecto mais confuso da flexibilização seja o seu impacto no caráter do trabalhador por atacar as noções de permanência, confiança nos outros, integridade e compromisso. Noções que, segundo o autor, até tempos recentes fizeram com que o trabalho se constituísse como um elemento organizador fundamental na vida dos indivíduos e, portanto, um elemento de inserção do sujeito na comunidade. Ao longo do texto, Sennett desafia o leitor a decidir se a flexibilidade do capitalismo moderno oferece um contexto de crescimento pessoal ou se é simplesmente uma nova forma de opressão”.

Prof.ª. Dr.ª. Rosane Molina, doutora em Filosofia e Ciências da Educação, pesquisadora, professora do curso de Educação Física da Unisinos, e coordenadora do Programa Unidades Móveis em Saúde Coletiva – Prumo.



“O livro que estou lendo se chama ***Teorias da Etnicidade***, de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart. Editora Unesp (FEU), 250 páginas, 1998 (original francês 1995). Os autores iniciam o livro situando o estudo sobre a etnicidade no contexto atual das Ciências Sociais, ressaltando os novos contornos que vêm tendo para a compreensão da dinâmica sociocultural no processo histórico. Apresentam uma análise do significado que a etnicidade foi recebendo como categoria de análise ao longo das últimas décadas, salientam o estado atual do debate sobre a mesma, e em capítulo que me parece extraordinário, debatem as questões-chave relacionadas com o domínio da etnicidade, hoje. Os autores rompem com as concepções substancialistas, situando a etnicidade em perspectiva relacional em que ocorre o poder de nomear, implicando relações de poder. Para eles, teorizar a etnicidade significa examinar em que circunstâncias uma visão de mundo “étnica” se torna pertinente para os atores sociais. O livro abre questões muito pertinentes também para a reflexão sobre o processo educacional. Recomendo-o”.

Prof. Dr. Lúcio Kreutz, doutor em Educação, mestre em Filosofia da Educação e professor do PPG em Educação da Unisinos.

² Conferir edição brasileira ***A corrosão do caráter***. Rio de Janeiro: Record, 1999. Nota do ***IHU On-Line***

O MEU CLÁSSICO

Berenice Corsetti responde

A Editoria **Meu Clássico** traz hoje a professora Dra. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, para falar sobre alguns autores de influência em sua caminhada acadêmica. Berenice é doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é professora do PPG em Educação da Unisinos e do curso de História da Universidade.

Qual o autor que mais influenciou a sua formação intelectual?

É importante destacar, inicialmente, que a minha formação intelectual não está vinculada a uma influência única, daí a dificuldade de destacar um autor em particular. Também saliento que a minha formação se deu no campo da História, com um trânsito pelas demais Ciências Sociais, mais especificamente pelo campo da Educação. Por isso, vou optar por situar a questão inicialmente na área de História, na qual, após uma formação tradicional, centrada no que denominamos teoria da História, Historicismo Positivista, uma corrente de pensamento híbrida, que muito marcou a historiografia brasileira em seu início, avancei pelos estudos da dialética que contribuíram muito para o alargamento de minha visão de História. Essa característica de minha formação possibilitou a minha convicção das possibilidades de uma História mais analítica, de enfoque estrutural. Nesse contexto é que também contribui muito a influência da historiografia francesa, particularmente da *Escola de Annales*, que se aproximou bastante das propostas do materialismo dialético. Por isso, faço uma opção por destacar a figura do historiador francês Fernand Braudel, cuja contribuição foi extremamente relevante, junto com outros autores, no sentido de possibilitar aos historiadores a consciência da pluralidade dos níveis da temporalidade. Ou seja, falamos da curta duração dos acontecimentos, do tempo médio (e múltiplo) dos movimentos conjunturais e da longa duração das estruturas. Da mesma forma, foi possível avançar na compreensão de que o próprio tempo longo, estrutural, apresenta diferenças em seus ritmos, de acordo com as estruturas. Por exemplo, passa-se a perceber que o tempo das mentalidades evolui mais lentamente que o tempo da economia. Para os historiadores, a questão do tempo é fundamental, pois não existe História sem o tempo. Daí que a contribuição dos Annales e, particularmente, de Fernand Braudel, foi marcante em minha trajetória de historiadora, também pela importância que conferiu à unidade e diversidade das Ciências Humanas. Essas formulações deram uma outra perspectiva aos estudos da História no século XX, possibilitando uma produção historiográfica de muita qualidade, ultrapassando a mera narrativa factual e política dos acontecimentos.

Qual o autor que mais responde às suas inquietações atuais?

Também não é um único autor que dá resposta às minhas atuais inquietações. Até por estar hoje dedicando meus esforços de investigação mais ao campo da História da Educação, imbricam-se muitos autores. Todavia, creio que posso indicar, ainda me mantendo no campo da História, Eric Hobsbawm, cuja reflexão sistemática sobre o objeto e os objetivos da narrativa historiográfica, oferece possibilidades de resposta para minhas inúmeras interrogações. Destaco a importância de sua obra, profundamente marcada pela força de suas convicções e da consciência clara das responsabilidades que cercam a tarefa do historiador. A permanente relação que reafirma entre passado, presente e futuro orienta, em muito, as respostas que venho buscando, ao longo de minha trajetória profissional. Por isso, destaco esse historiador

inglês como um dos que mais tem contribuído com a busca de respostas para o que me inquieta, ressaltando que outros autores também colaboram nessa direção.

Qual o autor contemporâneo que lê com mais atenção?

Josep Fontana é esse autor, já que é solicitada a indicação de um. Fontana é um historiador espanhol, internacionalmente conhecido e admirado por suas reflexões situadas, sobretudo, no campo da teoria História. É um historiador afinado com o seu tempo, que vem alertando para o engodo de interpretações que pregam o fim dos tempos e a impossibilidade de saídas para os que vivem e/ou se preocupam com a situação de miserabilidade a que está confinada a maioria da população do mundo. Josep Fontana é um autor que nos apresenta uma obra ao mesmo tempo erudita e de fácil compreensão, na qual destaca os grandes desafios que temos como historiadores, ou seja, voltar a metermo-nos nos problemas do nosso tempo, como fizeram no passado aqueles nossos antecessores que ajudaram a melhorar as coisas com o seu trabalho. É pela afinidade com essa compreensão e pela qualidade de seus escritos, que o destaco como o intelectual contemporâneo que mais atentamente acompanho.

Cartas do leitor

Aqui da Residência São José, da Igreja São José de Porto Alegre, tínhamos pedido e recebíamos o boletim, até que o antivírus do *Terra* se negou a receber o texto.

Mais uma vez parabéns pelas iniciativas. Que o "O lugar da Teologia na Universidade do século XXI" contribua para animar o ansioso "vivente" do terceiro milênio.

Pe. Eloy Oswaldo Guella
Manaus, 02 de junho 2003

Amigos/as redatores/as e fazedores/as do IHU,

Muito obrigado pelo envio regular semanal do IHU. Leio-o integralmente e faço propaganda para diversas pessoas. As matérias sobre a Água estão excelentes.

PS: Gostaria de Receber o IHU impresso. É possível? Isso facilitará fotocopiar matérias para estudo em grupos eu ou minha equipe e levá-lo para viagens ao interior.

Um abraço.
Bom Trabalho.
Paulo Sérgio Valliant, SJ

Com fraternos cumprimentos e cordiais saudações solicito que passe a enviar-me o Boletim Eletrônico do Instituto Humanitas Unisinos, anunciado no Boletim da CPAL.

Pe. João Roque Rohr, SJ
Provincial do Brasil

Prezados Senhores,

Agradecemos o envio dos exemplares impressos do Instituto Humanitas Unisinos - Gênese e Missão, do folder do IHU e da programação do semestre.

Na oportunidade, solicitamos o encaminhamento do boletim IHU On-Line.

Cordialmente,

Universidade Católica de Pernambuco
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Boa Vista – Recife – PE

www.ihu.unisinos.br

Visite o sítio do Instituto Humanitas Unisinos e veja as novidades

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª Ms. Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: lhuinfo@poa.unisinos.br Sítio: www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS